

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
BRUNO GÜIGUER DA COSTA**

**EASY COMPANY: UM RELATO SOBRE A MEMÓRIA COTIDIANA
DOS PÁRA-QUEDISTAS AMERICANOS NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL**

**CURITIBA
2007**

**EASY COMPANY: UM RELATO SOBRE A MEMÓRIA COTIDIANA
DOS PÁRA-QUEDISTAS AMERICANOS NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL**

**CURITIBA
2007**

Bruno Güiguer Costa

**EASY COMPANY: UM RELATO SOBRE A MEMÓRIA COTIDIANA
DOS PÁRA-QUEDISTAS AMERICANOS NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso
de História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e
Artes da Universidade Tuiuti do Paraná.
Orientadora: Professora Viviane Zeni

**CURITIBA
2007**

AGRADECIMENTOS

À Deus por me dar força em momentos conturbados durante a execução desta pesquisa. Por ser o único a entender e compreender a minha paixão por história militar e pelo grande reconhecimento dado por mim a estes bravos homens que se transformaram em objetos de pesquisa, mas, acima de tudo, em inspiração para o percurso a ser traçado dentro da minha carreira.

À professora, amiga e orientadora Viviane Zeni pelo estímulo, pelo carinho, pelas críticas, pela inspiração, enfim, por tudo que me proporcionou durante a conclusão deste trabalho. Só ela sabe o quão difícil foi o trajeto percorrido para a concretização deste sonho, principalmente pelas imposições espinhosas da vida cotidiana.

À professora Etelvina Trindade pelos conhecimentos que possibilitaram uma valiosa contribuição para a pesquisa, bem como a disposição em auxiliar, sob todos os aspectos, o andamento do trabalho.

Ao professor Clóvis Gruner pela leitura e pelo posicionamento crítico a respeito deste trabalho. Tal posição não só fortaleceu o meu trabalho, mas também permitiu evoluir em termos de qualidade o rumo desta pesquisa.

À minha amada esposa e minha filha, Camila e Emillie Güiguer Arndt pela paciência, apoio e incentivo, além do carinho, durante o árduo e cansativo período de finalização de curso.

À minha mãe Beatriz, pelo zelo incondicional e pela compreensão durante os anos cursados de faculdade.

Ao meu pai, Subtenente João Batista, pela inspiração (inconsciente) em trabalhar temas históricos inerentes ao meio bélico e pela paixão criada pela história militar.

Aos meus amigos, em especial ao professor de Língua Portuguesa Fabrício, pela disposição, sobretudo aqueles que disponibilizaram de seu corrido tempo para discutir problemas acerca deste trabalho.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA – EASY COMPANY.....	08
FIGURA 1 – O DIA-D.....	38
FIGURA 2 – MARKET GARDEN.....	45
FIGURA 3 – BASTOGNE.....	51
FIGURA 4 – ALEMANHA.....	58
FIGURA 5 – SILENCIANDO AS ARMAS.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1: OS PÁRA-QUEDISTAS E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	
1.1 - PRELÚDIO.....	13
1.2 - NOVOS E “VELHOS” CONCEITOS: UM RELATO HISTÓRICO SOBRE AS TROPAS PÁRA-QUEDISTAS.....	17
1.3 - EASY COMPANY.....	22
1.3.1 - TOCCOA.....	25
1.3.2 - O PRIMEIRO SALTO.....	28
1.3.3 - O BATISMO DE FOGO.....	32
CAPÍTULO 2: BAND OF BROTHERS	
2.1 - O DIA-D, HORA-H.....	38
2.2 - MARKET GARDEN.....	45
2.3 - BASTOGNE.....	51
2.4 - O NINHO DA ÁGUIA.....	58
CAPÍTULO 3: A RECONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA	
3.1 - CINEMA E MEMÓRIA.....	68
3.2 - A PRODUÇÃO DE <i>BAND OF BROTHERS</i>	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

INTRODUÇÃO



FIGURA – Easy Company – BAND OF BROTHERS. Steven Spielberg. Estados Unidos: HBO, 2002, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, 72 min.

A Segunda Guerra Mundial é amplamente explorada quando relacionada historiograficamente ao viés econômico e político. No entanto, é pertinente entender, que o maior conflito bélico já travado na história não foi somente vivenciado por mentes militares e políticas que compunham as cúpulas estadistas da época. Tal perspectiva abrange a guerra de uma maneira geral.

Neste sentido, a tradição que privilegiava uma visão elitista tem mudado significativamente dentro das obras mais recentes da historiografia militar. O soldado, sob este viés interpretativo, é apresentado, como indivíduo e membro de um corpo complexo e frágil nos campos de batalhas que independe da presença do “grande líder” comandante para realizar as suas cotidianas tarefas. Neste contexto, o General ou Comandante aparece em um segundo plano e o soldado raso toma parte de uma história até então limitada a números e estatísticas.

As técnicas e as inovações propostas pelo período Entre-Guerras marcaram todos os âmbitos da vida humana. Novas armas foram desenvolvidas, novos instrumentos facilitaram o cotidiano da vida civil e as sociedades foram absorvidas pela grave Crise de 1929 e suas respectivas conseqüências. O mundo experimentava no período a ascensão dos regimes fascistas na Europa, a consolidação do comunismo na URSS e a reorganização econômica do capitalismo americano. É neste contexto que surgem novos grupos de combate e toda a “sociedade militar” é reformulada dentro da metodologia aérea, naval ou terrestre.

Com o surgimento das tropas pára-quedistas, o conceito de guerra moderna estava tendo os seus primeiros esboços elaborados e com a eclosão da Segunda Guerra, os nazistas impõem sobre esse lento desenvolvimento novos instrumentos e novas ambições no meio bélico. Tchecoslováquia, Áustria, Polônia, Noruega, Dinamarca, Holanda e França se rendem à “máquina de guerra” nazista, com ou sem resistência. Este frenético ritmo de combates no teatro bélico europeu, permitiu aos EUA acelerarem o desenvolvimento de suas fábricas de armas e movimentarem a sua economia e a sua sociedade, visando à guerra. Tropas pára-quedistas norte-americanas foram criadas logo após a entrada estadunidense no conflito, dialogando assim, com o acelerado desenvolvimento tecnológico e militar da época.

Nesse sentido, a obra de Stephen Ambrose e a mini-série de Steven Spielberg e Tom Hanks – objeto de pesquisa e análise deste trabalho – apresentam uma nova possibilidade sobre o estudo da guerra. A partir de inúmeras entrevistas, estas obras criaram uma realidade partindo de um pequeno grupo de pára-quedistas americanos atuante em grande parte do conflito ocidental como coadjuvante de um embate de proporções gigantescas.

As análises de fontes permitem com que historiadores elaborem pesquisas através dos estudos documentais e as repassem aos meios acadêmicos como objeto de estudo. Porém, as fontes históricas ultrapassam as fronteiras mantidas em acervos ou locais destinados exclusivamente ao meio científico e avançam aceleradamente sobre os novos meios midiáticos para maior audiência. Nesse sentido, a necessidade em tornar perceptível uma intenção, comercial ou não, em reproduzir um percurso minimamente explorado pela presente historiografia mostra-se cabível dentro da atual

presença tecnológica nos meios científicos da história. Assim sendo, os relatos e as entrevistas utilizadas por Steven Spielberg na produção cinematográfica de *Band of Brothers* permitem ao pesquisador memorialista expor estas sensíveis fontes a partir de um novo ponto de vista.

Para melhor fundamentar este trabalho recorreu-se as indicações de Walter Benjamin, mais precisamente a sua obra “Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura”. Nesta o autor discute a relação do cinema com a produção histórica. O cinema para Benjamin é exposto como algo fragmentador que dilui a contínua leitura histórica acerca de um fato e o transforma em objeto atemporal desvinculado a qualquer linearidade. (BENJAMIN, 1994, p.180).

O que o cinema traz à tona é um significado social para o heroísmo e que através deste estudo, em específico dos relatos dos veteranos, fundamentará o contexto, bem como o desenrolar das atividades da Easy Company, abandonando, assim, o romantismo e a necessidade do heroísmo dentro da narrativa histórica acerca dos integrantes da equipe. Cabe aqui ressaltar a importância da narrativa cotidiana desta fonte para que sua finalidade não caia na constante reafirmação do poderio político, militar e econômico estadunidense. Portanto, a criação de uma identidade elitista demonstra a necessidade de uma atuação enérgica na vida cotidiana no período vivido e sua conseqüente representatividade histórica.

A presente pesquisa utilizou, portanto, o cinema como principal fonte de acesso aos relatos expostos pelos ex-combatentes e o trabalho com a memória individual de pára-quedistas desvinculado com qualquer posição privilegiada dentro da corporação militar.

Dessa forma este trabalho se apresenta dividido da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta a guerra dentro de uma perspectiva militar, deixando, assim, a exaustiva visão econômica às margens de tal explanação. Neste contexto o surgimento dos pára-quedistas no meio militar foi apresentado, pois tornou-se fundamental o seu uso nas frentes de combate, que não mais se limitavam às operações de baixo risco. A dissertação deste novo modo de combate se fez necessária neste momento, a fim de explorar brevemente as suas origens, unindo a criação da Companhia E, já sob a narrativa selecionada de seu dia-a-dia, ao contexto europeu.

Já o segundo capítulo, contemplou, com um pouco mais de ousadia, a memória selecionada dos veteranos da Companhia como fontes para tal pesquisa. Intencionou-se, nesta etapa, reconstruir a trajetória da Easy Company sob a perspectiva interpretativa das declarações dos pára-quedistas em toda a sua trajetória, dialogando com a dificultosa metodologia de trabalho acerca das memórias. É importante salientar a reconstrução de uma história sob o ponto de vista “marginalizado”, ou seja, dos soldados que dividiram trincheiras e que superaram a perda de colegas queridos dentro de um conturbado conflito, diferentemente do exaustivo processo histórico militar narrado sob a perspectiva teórica ou técnica de um estrategista. A proximidade com a realidade vivida por quem efetivou de fato a guerra tornou-se o foco central deste momento.

Por fim, no terceiro capítulo apresenta um diálogo com as fontes a respeito de possíveis interpretações e constantes necessidades de seleção das memórias dos ex-combatentes pertencentes à Companhia E.

Como apoio para esta pesquisa, em especial neste último capítulo, as contribuições de Michael Pollak foram de grande valia, pois forneceram o apoio teórico e metodológico para trabalhar e manusear as fontes para o presente trabalho, ou seja, as memórias e os relatos dos veteranos pára-quedistas. O artigo “Memória e Identidade Social”, produzido por Pollak, criou a base necessária para a reconstrução da trajetória e imagem elitista do grupo. Como referência, Maurice Halbwachs corrobora para este viés, auxiliando nos meios técnicos possíveis para o trabalho, com fontes tão sensíveis e delicadas, além do risco de variação ao longo dos anos.

É de conhecimento dentro do meio histórico o risco e as barreiras impostas por trabalhos com temas vinculados ao cinema. Sabe-se que o pesquisador pode, se não bem amparado, influenciar-se pela intencionalidade comercial ou ideológica de filmes ou documentários, sobretudo quando tratado com tamanha riqueza de detalhes. Neste meio, Marc Ferro apresentou-se como referencial apropriado para trabalhar questões inerentes ao cinema e a reconstrução histórica em torno das produções cinematográficas.

Detalhando mais brevemente sobre a metodologia de trabalho com as fontes, a reconstrução de uma história já produzida a partir de necessidades e pretensões, impõe

o risco de simplesmente “reproduzir” um fato já explorado por obras comerciais, tais quais classificam-se as produzidas por Spielberg e Ambrose.

Para o meio acadêmico, se faz necessário o surgimento e o desenvolvimento de trabalhos voltados para uma ou mais parcelas da história, quebrando, assim, a errônea globalidade de um momento ou período histórico. O que de fato é possível visualizar como pretensão inicial desta pesquisa é a focalização de um momento voltado para o cotidiano da guerra, neste caso a fome, o frio, o sofrimento e a morte, a partir de um pequeno grupo que, além de possuir um dos mais elevados índices de baixas na guerra (proporcional a sua dimensão), utilizou a medalha Purple Heart¹ como um distintivo e não como uma condecoração.

¹ Purple Heart, ou “Coração Púrpura”, é a condecoração atribuída aos soldados feridos em combate.

1.1 Prelúdio

Normandia. Madrugada de 6 de junho de 1944: Richard Winters, então comandante da Companhia E (*Easy Company*), em pé na porta do avião, observava as luzes na zona de salto e os milhares de aviões C-47, de fabricação americana, que sobrevoavam a região depois de cruzarem, por horas, o Canal da Mancha. Após minutos de angústia e sobre um intenso tiroteio, Winters convocou toda a tripulação a se preparar para o salto, pois enfim chegara o momento tão esperado. Ao seu sinal, todos saltaram e o medo permeado pela sensação de não sobrevivência inundou as mentes e os corações dos pára-quedistas. “Nunca pensei que sobreviveria ao Dia-D, muito menos a fase seguinte. Pensei que morreria imediatamente”, afirmou anos mais tarde, Bill Guarnere, demonstrando um pouco da realidade vivida pelos membros da Divisão 101 *Airborne* ao embarcar para o Dia-D.²

O relato acima permite perceber que, na memória dos combatentes da *Easy Company*³, ocorreu uma relação com as extremas experiências compartilhadas, que transpassou uma sensação afetiva marcante, apontando, como nos indica Maurice Halbwachs, que “em um primeiro plano de um [determinado] grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais freqüentemente em contato com ele.” (HALBWACHS, 1990, p-45.).

² Relato baseado nas memórias de Bill Guarnere e Richard Winters, membros da Companhia E, que se encontra in: *Band of Brothers*. Direção de Steven Spielberg e Tom Hanks. EUA-ING., Estúdio: HBO / DreamWorks / Playtone. Produção: Steven Spielberg, Tom Hanks, Stephen E. Ambrose, Tony To. 2002. Mini-série (773 min): son., color.

³ A divisão organizacional das forças armadas como um todo se limita basicamente nesta ordem: Exército ou Corpo de Exército (entre 20.000 e 80.000 homens), Divisão (entre 10.000 e 25.000 homens), Brigada (entre 2.000 e 6.000 homens), Regimento (entre 2.000 e 6.000 homens), Batalhão (aproximadamente 900 homens), Companhia (aproximadamente 200 homens), Pelotão (40 homens comandados por 1 tenente, 3 sargentos e diversos cabos) e unidades (12 homens). A Companhia E, portanto, pertencia ao 506º Regimento de Infantaria Pára-quedista (RIP) da 101ª Divisão Aerotransportada (*Airborne*) do Exército Americano (DIA). Dentro de cada divisão existem, aproximadamente, quatro ou cinco regimentos, onde os mesmos obedecem a uma ordem crescente, assim como as Companhias dentro de cada regimento (cerca de trinta), por exemplo, Companhia D do 502º Regimento, Companhia E do 506º Regimento etc. A *Easy Company* era dividida em 4 pelotões e um quartel general (QG), onde o total de membros era de 132 combatentes e 8 oficiais com pouca variação durante todo o conflito.

Praticamente todos os membros da Companhia E, bem como a grande maioria dos soldados de diversas nações que lutaram na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) nasceram durante ou no período final da Grande Guerra (1914-1918) e, por sua vez, cresceram e vivenciaram diversas transformações, sobretudo, a grave depressão econômica de 1929. Porém, poucas lembranças se atentam quanto a este fato nas memórias dos pára-quedistas. Os sentimentos criados pela conturbada fase em que viveram esses homens não foram suficientes para abalar suas memórias patrióticas posteriores. A imagem transpassada pela produção cinematográfica, bem como a obra de Stephen Ambrose, mostra um grupo que combateu no conflito por diferentes motivos e que luta atualmente para manter uma postura a “altura de suas respectivas honras”, segundo os próprios pára-quedistas.

No entanto, para expor uma trajetória de conflitos com base nas memórias da Companhia, se faz necessário aqui contextualizar o momento.

No mesmo período em que os Estados Unidos da América passavam por grandes dificuldades econômicas, a Europa foi testemunha de uma ascensão violenta e rápida das forças de extrema direita. Na Alemanha, Adolf Hitler consolidara seu poder a partir de 1933 e seus aliados fascistas caminhavam juntos à uma onda de conquistas em diversos países europeus, principalmente no âmbito ocidental.

Eric Hobsbawm resume em breves palavras as origens do conflito mundial que estava se fortalecendo indicando que “[...] a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler” (HOBSBAWN, 1996, p-43)

Cabe ressaltar que no decorrer da década de 30, os EUA mantinham uma posição isolacionista exacerbada, sobretudo por sua posição geográfica favorável, que propiciara um direcionamento livre e independente dos governos fascistas na Europa. Já a França e a Inglaterra sentiam as conseqüências da grave crise econômica pós-guerra e as forças ocidentais não tiveram condições de se oporem às intenções expansionistas da Alemanha e, após alguns meses, da Itália. Um exemplo disso foi a resposta americana ao ataque italiano à Etiópia em 1935, quando o congresso vetou o presidente Roosevelt no que concebia a intervenção militar em qualquer posição ao ataque.

À meia-noite de 1º de setembro de 1939, os nazistas invadiram a Polônia e a Segunda Guerra Mundial foi declarada oficialmente. Ainda assim, os EUA permaneceram imparciais com o conflito na Europa, embora estreitassem os seus relacionamentos comerciais e bélicos com o bloco Aliado, em especial com o Reino Unido. Importa considerar que nesse mesmo período, a URSS garantia a sua neutralidade no conflito firmando um pacto de não agressão com a Alemanha.

No ataque à Polônia, os alemães introduziram novas técnicas de combate, a chamada *Blitzkrieg*, ou guerra-relâmpago, nas quais veículos ligeiros blindados eram lançados rapidamente sobre as linhas inimigas após intensos bombardeios a pontos estratégicos. Após a desestabilização do inimigo, tropas se movimentavam sobre as linhas inimigas com o objetivo de romper e eliminar qualquer foco de resistência. A soma dos fatores surpresa e velocidade eram a chave deste novo tipo de combate. Essa nova estratégia implantada pelos nazistas quebrou o tradicional combate bélico mantido até o fim da Primeira Guerra Mundial, onde exércitos se confrontavam frontalmente, vencendo aquele que dispusesse de maior ou melhor contingente.

A primeira ação da *Blitzkrieg* nazista confirmou sua eficiência e autenticidade ao ser lançada oficialmente em jornais ocidentais como termo sinônimo das novas táticas de guerra, o que garantiu aos alemães no ano seguinte a conquista de novos territórios com o mínimo de custo (ORGILL, 1972, p-24.). A França seria a próxima a sofrer os seus ataques e em 14 de junho, após uma rápida investida, Paris caiu sob o julgo nazista.

Esse era o cenário, delineado no primeiro ano do conflito que mudaria com a queda da França. A Inglaterra, agora sozinha na guerra, sofreu diversos bombardeios em sua capital que perduraram por meses e faziam parte do plano de invasão nazista ao território inglês conhecido como *Seelöwe* - Operação Leão-marinho - (BISHOP, 1975, p-25.). O efeito dessa investida alemã gerou o maior conflito aéreo da história em pleno céu londrino. Apesar de seu relativo curto espaço de tempo, a Batalha da Inglaterra demonstrou em seus dez meses de duração os maiores combates aéreos que uma guerra moderna já presenciou. Em julho de 1940, no auge desta batalha, a RAF (Força Aérea Inglesa) resistiu aos ataques de mais de 1200 aeronaves da *Luftwaffe* (Força Aérea Alemã) em território inglês. Apesar de muitos danos, a vitória inglesa no

confronto acabou representando, assim, a força ocidental naquela fase do conflito, marcando a reviravolta na Segunda Guerra Mundial.

Importa aqui ressaltar que, durante toda a batalha da Inglaterra, o governo americano enviava constantes carregamentos bélicos que incluíam aviões e efetivos humanos. Por falta de contingente, os ingleses passaram a integrar voluntários americanos no corpo de pilotos da RAF para lutarem a seu favor. Além disso, os EUA adotaram outras medidas drásticas para fornecer auxílios de relevância à Inglaterra, cuja implantação de arrendamentos e empréstimos de utensílios bélicos beneficiou futuramente outros países aliados aos EUA, inclusive o Brasil.

Diante desta questão, pode-se afirmar, a título de hipótese, que a posição americana estava, portanto, já definida com relação aos países do bloco Aliado. Nos EUA, a mídia mantinha uma posição firme contra as investidas fascistas na Europa, e a constante pressão popular para um posicionamento político perante o conflito não podia mais ser ignorada, pois os incidentes contra os navios americanos nas rotas comerciais para a Europa incendiavam ainda mais a revolta popular contra as forças fascistas. A Alemanha por sua vez, comandara diversas operações de ataques contra embarcações comerciais inglesas escoltadas por navios americanos, com o objetivo de desestabilizar os ingleses perante o conflito.

Em meados de 1940, a guerra teria outra mudança com o início da operação *Barbarossa* (Barba-ruíva) pelos nazistas. Essa operação consistia na invasão da URSS e após meses de rápidos avanços, os alemães foram repelidos, no final de 1941, dos subúrbios de Moscou.

Paralelamente à entrada da Rússia na guerra, os EUA vinham mantendo diversas conversações com o Japão, visando a paz entre ambos os países. Porém, no ano em que a situação presente dos EUA parecia insustentável, o Japão lançou uma série de ataques a pontos estratégicos no Pacífico.

Em 7 de dezembro de 1941, a base naval americana de Pearl Harbor, no Havaí foi surpreendida pelas forças imperiais do Japão. O ataque envolveu cerca de 350 aviões japoneses contra as frotas americanas aportadas no local, e após a morte de aproximadamente 2.000 pessoas, os Estados Unidos declararam oficialmente guerra ao Eixo (BARKER, 1969, p-143.).

Militarmente, os EUA não corriam riscos de ataques diretos à sua população, portanto os prejuízos de guerra seriam consideravelmente menores, já que o país agora necessitava de uma pesada ação econômica em prol da corrida armamentista que se sucedeu. Ainda que sob a sombra do vitorioso ataque nipônico à base naval americana, o Japão, agora aliado aos alemães e italianos, lançou diversos ataques simultâneos às Filipinas, na base americana de Luzon. Nesse mesmo contexto, a Itália iniciou uma ofensiva contra o Mediterrâneo, em posições ultramarinas, e no norte da África. A Alemanha por sua vez, em apoio à Itália, enviou o *Afrika Korps* para a costa africana⁴. Esse avanço italiano ocorreu devido às investidas alemãs contra a França, pois sem a resistência francesa, a Itália poderia expandir-se com mais facilidade.

Os dois primeiros anos de conflito, tanto na Europa quanto no Pacífico, representaram o auge da expansão imperialista no período. O bloco do Eixo se baseou na fraqueza bélica de diversos países conquistados para utilizar novas técnicas militares de combate.

A entrada americana na guerra lançou a hipótese de uma iminente invasão ao continente europeu. Isso se deve graças às posições geográficas dos países envolvidos no conflito, pois, caso contrário, não haveria possibilidade de um confronto direto com a Alemanha. Em termos técnicos, o novo estilo de guerra implantado pelos nazistas previa uma fortificada defesa para desembarques na costa europeia, fazendo-se, portanto, necessário executar operações aéreas com o lançamento de tropas em pontos estratégicos ocupados. Ademais, os nazistas, mesmo que com três frentes de combate, ainda não poderiam ser derrotados sem um alto custo humano.

1.2 Tropas pára-quedistas: um novo conceito de guerra

“Naquela época, saltar de um avião não era como hoje, pois havia uma considerável emoção e, além de integrar uma das poucas tropas que possuíam tal capacidade, todo aquele que concluísse o rígido período de treinamento poderia ser considerado membro de uma força de elite”. (Welsh in: SPIELBERG, 2002.)

⁴ *Afrika Korps*, ou “Corpo da África”, representava a tropa de elite do exército alemão em combates no deserto. Comandada pelo Marechal-de-Campo Erwin Rommel, foi criada exclusivamente para a campanha do norte da África. Rommel comandaria em 1944 a defesa das costas francesas perante a invasão da Normandia, o Dia-D.

De acordo com este relato, pode-se inferir que o conceito de tropas aerotransportadas era algo recente e por esse motivo não havia instrutores veteranos ou bem preparados nos campos de treinamentos americanos. Porém, Walter Gordon, membro da Companhia E, admirava todos os voluntários como “deuses”, já que tinham certa experiência neste ramo. Para ele, qualquer habilidade que desenvolvessem no ramo militar poderia ser considerada a melhor, uma vez que nenhum voluntário no local possuía qualquer instrução sobre saltos ou combates, principalmente em terrenos hostis ou alvos de disparos inimigos. (Gordon in: AMBROSE, 1992, p-17.).

No entanto, para que se possa compreender historicamente a privilegiada posição dos pára-quedistas militares, torna-se necessário expor as primeiras atividades já registradas no ramo, além do pioneirismo dos alemães.

O uso de pára-quedas mostrou-se inicialmente necessário em um caso de emergência. Pilotos, ainda na Primeira Guerra Mundial, perderam suas vidas por não possuírem alternativas a não ser saltar em queda livre do seu avião avariado em combate. Desta forma introduziu-se o uso de pára-quedas como um “salva-vidas”, e diversas oposições foram apresentadas na época. Uma delas seria o engajamento de pilotos em combate que poderiam saltar sobre qualquer dificuldade encontrada, e/ou o não interesse em combater “até a morte”. Com o término da Primeira Guerra, o mundo presenciou uma evolução tecnológica nunca vista antes no meio bélico.

Na Alemanha, o Tratado de Versalhes proibia toda e qualquer atividade no ramo militar até aproximadamente 1926. Neste momento, empresas aéreas puderam iniciar suas atividades com maior liberdade, porém limitando-se ao ramo civil. O governo alemão financiou a criação de uma empresa aérea estatal que gozava de plenos poderes funcionais, a *Lufthansa*. Ainda assim, o tratado impunha diversos limites para que as experiências adquiridas pelas empresas civis transpassassem para o ramo militar. Quando Adolf Hitler subiu ao poder em 1933, elaborou um plano no mais alto sigilo para treinar pilotos e tripulantes, além de ordenar a elaboração de projetos e, em seguida, a produção de aeronaves civis que fossem de fácil adaptação para o âmbito militar. Técnicas na confecção desses aviões foram revolucionárias para o período e abrangiam desde a estrutura física até os meios de produção, e matérias-

primas. Hitler nomeou Hermann Göring como chefe supremo da então *Luftwaffe*, a nova aeronáutica alemã. Com a quebra do Tratado de Versalhes pela Alemanha de Hitler, em meados da década de 30, a Europa iniciou uma corrida tecnológica para conter essa nova ameaça dando início a uma poderosa corrida armamentista. (PRICE, 1974, p-10.).

A Alemanha mostrou ao mundo no período precedente ao conflito novos conceitos dentro da guerra, seja no âmbito logístico, seja nas inovações teóricas. Porém, além de inovações, mesmo em momentos críticos de campanhas militares, surgiu um conceito que antecedeu a entrada americana na guerra: as tropas estratégicas aerotransportadas.

Paralelamente à reformulação da *Luftwaffe*, os alemães começaram a formar o seu primeiro grupo de assalto pára-quedista. Em outubro de 1938, a guarda pessoal do Marechal Hermann Göring, foi transferida para a força aérea sob o nome de Regimento General Göring. Voluntários desse recente grupo, armados com fuzis de assalto, formaram o primeiro regimento pára-quedista (*Fallschirmjäger*). Já havia treinos desde o ano de 1936, com novas tropas aerotransportadas, porém, não houve tempo dentro da sua estruturação para colocá-las em ação no início do conflito, durante a campanha polonesa. Em meados de 1939 já estava concluída a 7ª Divisão Aerotransportada (a primeira alemã), agora sob comando do general Kurt Student. O termo “aerotransportado” engloba militarmente um amplo campo técnico dentro das forças aéreas atuais, todavia, na época, abrangia somente as tropas transportadas por planadores e a ação pára-quedista.

Pela primeira vez na história, o mundo estava prestes a presenciar uma ação militar com o uso de tropas pára-quedistas. Em 9 de abril de 1940, os alemães invadiram a Dinamarca e a Noruega. Cabe ressaltar que a Alemanha não possuía em seu “currículo” militar um bom histórico de operações anfíbias⁵, porém os desembarques nos Países Baixos foram precisos e dentro desse novíssimo conceito de tropa, o alto-comando alemão programou ataques anfíbios precedidos por saltos de

⁵ Operações de desembarque, cuja finalidade é lançar tropas de infantaria utilizando lanchas de assalto em uma operação de invasão.

tropas pára-quedistas em Narvik e Oslo, dois portos vitais para as operações (YOUNG, 1980, p-33.).

Após a ofensiva de 1940, a Alemanha voltou o seu olhar para a Holanda e a Bélgica. Pára-quedistas alemães, inclusive alguns com uniformes Aliados, saltaram sobre estes territórios em concordância com os ataques fronteiriços por terra, gerando, assim, uma generalizada confusão entre as tropas holandesas. A partir desse tumulto, os alemães conseguiram abrir uma brecha ao sul da fronteira oriental e atravessaram rapidamente o país para se unirem as tropas pára-quedistas. Enquanto ocorria a junção das tropas, a *Luftwaffe* encarregava-se de manter o ânimo dos holandeses abalados bombardeando pontos estratégicos freneticamente em uma operação que durou apenas cinco dias (YOUNG, 1980, p-44.). Após essas operações, o uso de tropas pára-quedistas mostrou seu real valor dentro de ações estratégicas.

Ainda dentro desse conceito de tropas especiais, a Bélgica seria a próxima a sentir o tratamento alemão da *Blitzkrieg*. Para que eles pudessem invadi-la por terra, era necessário que as tropas pára-quedistas assegurassem duas pontes-chaves sobre o rio Meuse e o canal Albert e inutilizassem a poderosa fortaleza belga de *Eben-Emael*⁶ (THOMPSON, 1965, p-34.). Sobre o assalto a *Eben Emael*, o Brigadeiro Peter Young descreve em seu livro a ação pára-quedista alemã. Deixemos o Comandante falar:

“Muito bem treinados num modelo em escala natural, uma equipe de pára-quedistas de combate e de “engenheiros de assalto” atacou a posição. De nada adiantou o fato de o comandante da fortaleza belga pedir que os fortes vizinhos abrissem fogo contra eles próprios. Às 12h30 do dia 11 de maio, depois de apenas 36 horas, essa guarnição, que ainda contava com 1.100 homens em atividade, se rendeu, apesar de ter sofrido apenas cem baixas.” (YOUNG, 1980, p-44.).

Após tal investida, as tropas nazistas, em extrema minoria, mantiveram-se firmes em tais posições até a chegada das forças de apoio, e em poucas semanas, a Bélgica caiu sob domínio nazista.

A velocidade dos eventos até aqui contextualizados revelou a importância de grupos como estes, as chamadas tropas estratégicas, em uma ação de invasão. Enquanto a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi marcada no âmbito militar pela

⁶ O forte belga *Eben-Emael* estava localizado próximo a cidade de Liège, às margens do rio Meuse. A fortaleza possuía canhões de pesadíssimos calibres e era de difícil acesso.

introdução do avião como arma, a Segunda Grande Guerra introduziu potência aos então inovadores aviões e, conseqüentemente, um leque de novidades se introduziu neste meio, como por exemplo, os motores mais potentes e resistentes, inclusive os motores à reação (antecessores dos atuais motores à jato) e bombas indescritivelmente mais devastadoras. No entanto, o que marcou seriamente o mundo da aviação militar foi a utilização de aviões em operações táticas. O conceito militar de guerra frontal⁷ foi desmistificado quando notou-se o uso vantajoso e racional de pequenas tropas em tocaias e ataques ao método guerrilha (“fantasma”), ou seja, pequenos grupos de combate causando grandes danos aos soldados adversários, preparando, assim, o ataque principal. (WEIGLEY, 1981, p-60.).

Entretanto, os EUA, deram uma maior atenção para outros efetivos de combate. Em um único momento houve testes com pára-quedas no meio militar. Em 1923 lançaram, em um treino de combate, metralhadoras e guarnições das mesmas para comprovar o real efeito desse tipo de tropa. Sem sucesso, ou sem agradar as mentes militares da época, a guerra aeroterrestre foi colocada a um segundo plano. Do outro lado do oceano, os russos, por sua vez, aproveitaram minimamente esse tipo de idéia, mas sem um devido engajamento. Saltos em massa ocorreram no período entre-guerras e o então pioneirismo soviético foi deixado de lado quando os militares perceberam o pouco uso de tropas, se comparado a grande utilidade de transporte bélico dos aviões.

A última experiência pára-quedista antes da entrada americana no conflito ocorreu no dia 20 de maio de 1941 na ilha grega de Creta. Para comprometer o poder naval Aliado no Mediterrâneo, as forças nazistas tinham por pretensão usar a ilha como ponto estratégico de ataques. O general Kurt Student planejou a maior ação aerotransportada até então observada. A operação *Merkur* (Mercúrio), como foi chamada, envolveu mais de 22.000 soldados, sendo que 10.000 destes combatentes foram lançados de aproximadamente 490 aviões *Junkers-Ju 52*. A ilha estava fortemente protegida e diversos aviões foram abatidos antes mesmo que seus tripulantes saltassem, além de 500 pára-quedistas alemães que foram mortos ainda quando sobrevoaram o céu de Creta. A instabilidade alemã na operação durou até o dia

⁷ Ou seja, o antigo método de combate utilizado até a Primeira Guerra Mundial de pôr em combate milhares de soldados em um combate frontal (frente à frente) sem um objetivo específico vencendo, assim, o “time” que possuir o maior contingente de soldados.

seguinte. Após a tomada do aeroporto localizado próximo a cidade de Maleme, os alemães puderam ser reabastecidos para que, em 28 de maio, a ilha estivesse em seu poder.

Com as pesadas perdas em Creta, as tropas pára-quedistas alemãs acabaram aposentando seu uso em grandes ações e passaram a integrar tropas de infantaria regular. Surge, nesse momento, uma grande e curiosa “contradição” da história. Hitler, ao discursar perante seus pára-quedistas em Creta, afirma que “os dias dos pára-quedistas estão contados, naturalmente...” (PRICE, 1975, p.68.). Tal blefe foi apresentado após a divulgação da dramática estatística pós-invasão. Um terço dos soldados que combateram em Creta perecera naquele território. Anos mais tarde, porém, Hitler deparou-se com uma situação que conflitava com seu discurso: a invasão pára-quedista na Normandia, França.

1.3 Companhia E

7 de dezembro de 1941. Carwood Lipton entra em uma loja de roupas acompanhado de um amigo em sua cidade natal, Huntington, Virgínia Ocidental. No local, é surpreendido por um rapaz que pede para vestirem um uniforme. “Do que você está falando?”, responde. O sujeito retruca dizendo: “Os EUA estão em guerra contra o Japão”. Sem acreditar, Lipton reflete sobre a conversa cercado de um fúnebre silêncio. (Lipton in: SPIELBERG, 2002.).

O ataque a base naval americana de Pearl Harbor, no Havaí, apanhou de surpresa o congresso e a sociedade americana. O diálogo entre os dois governos já havia sido direcionado para a belicosidade e o isolacionismo americano favoreceu a ascensão de uma força militar japonesa sobre a sua força naval. (BARKER, 1973, p.7.).

O impacto do ataque japonês aos EUA proliferou rapidamente através de diversos estados americanos. Muitos jovens sentiam a presença da vida militar se intensificar em suas atividades diárias. Alguns membros da Companhia descrevem esse período como algo “inacreditável”. Outros, mesmo depois do conflito, tentam justificar o direcionamento bélico americano, como é o exemplo de Rod Strohl:

“Nosso país foi atacado. É diferente. Não foi como a Coréia ou Vietnã. Fomos atacados. Foi uma sensação de... talvez sejamos caipiras bobos, mas... na minha região, muita gente foi voluntária.” (Strohl in: SPIELBERG, 2002.).

Os americanos estavam em pleno processo de recuperação. O *crack* da bolsa de Nova Iorque em 1929 havia deixado muitas famílias em situação de miséria total. Com isso, a garantia de uma renda mensal fez com que muitos jovens se voluntariassem para diversos ramos das Forças Armadas. Em outros momentos, civis que se apresentavam para o exército regular ou para qualquer outra unidade sofriam represálias por não preencherem os requisitos básicos exigidos por tais instituições. Por esse motivo ocorreram diversos incidentes, como define com suas próprias palavras Bill Guarnere: “Éramos de uma cidade muito, muito pequena. Três caras de lá que foram dispensados, se suicidaram porque não puderam ir. Outros tempos!”. (Guarnere in: SPIELBERG, 2002.).

Novas normas foram estabelecidas quanto ao alistamento, as quais diminuíam a idade para tal e convocavam todo o contingente reservista. Depois de garantido o efetivo inicial, deu-se início, assim como anos atrás na Alemanha nazista, a uma pesada propaganda ideológica em favor do alistamento. Noticiários e jornais da época publicavam constantes progressos no conflito e preferivelmente ressaltavam os ataques a qualquer navio comerciante americano ou bases estratégicas. Desta forma, o patriotismo exacerbado tornou-se praxe nas campanhas publicitárias estadunidenses.

A presença política americana perante o clima conturbado da Europa influenciou diretamente a sociedade americana, principalmente quando lembrada dos combates da Primeira Guerra Mundial. Não havia mobilização social para a efetiva entrada dos EUA na guerra, logo a propaganda se apresentou como fator fundamental na reafirmação do espírito nacional e patriótico americano. Não há qualquer menção sobre este fato nas obras de Ambrose ou na produção de Spielberg, mas é sabido que para o devido engajamento da sociedade como um todo, sejam os homens na frente de batalha ou as mulheres nas fábricas de armamentos, a “desumanização” do inimigo era de fundamental importância.

Em diversos estados americanos foram criados inúmeros centros de treinamentos militares para os três corpos armados onde, em alguns casos, havia

centros de treinamentos exclusivos para as denominadas forças especiais ou tropas de elite. Estas não passavam de uma junção de forças com finalidades estratégicas, como por exemplo, os *Marines*, cuja funcionalidade era treinar tropas para operações na terra (infantaria), no ar (pilotos) e no mar (marinheiros). Existiam, porém, novos centros de treinamentos, como o Centro de Instrução Militar de Toccoa que foi transformado após o início da guerra em um posto de treinamento pára-quedista. Apesar de utilizar diversas técnicas de combate de treinamento aeronáutico, os pára-quedistas americanos, sobretudo a Companhia E, eram subordinados ao exército regular americano. (AMBROSE, 2006, p-13.).

Neste período, foram criadas novas divisões de combates em praticamente todos os ramos organizacionais. Para preencher todo o efetivo humano necessário dentro destas novas unidades, foram criados incentivos ou bonificações para cada tipo de tropa, conforme o grau de risco em suas operações. Foi o caso da Companhia E, cujo efetivo foi praticamente movido pelo acréscimo de um adicional mensal de \$50 para os praças e \$100 para os oficiais⁸. Bill Winget, membro da *Easy*, relembra esse fato com muita clareza:

“Um cara perguntou: ‘Vocês saltariam de aviões? Saltariam com equipamentos de guerra para combater o inimigo?’ O pessoal respondeu: ‘Vá para o inferno!’ Ninguém levantou a mão. Aí, não sei como surgiu, mas o orientador falou: ‘Mas, são 50 dólares a mais por mês’. Dariam 100 pratas ao todo. Muitos aceitaram.” (Winget in: SPIELBERG, 2002.)

Cabe aqui destacar que, para o ingresso em companhias especiais, o método de alistamento era o voluntariado seguido de um rigoroso processo seletivo e treinamento. Essa condição criou uma notável disputa entre as tropas da infantaria regular e os membros das tropas de elite cuja finalidade era provar sua maior capacidade em combate. Stephen Ambrose relata em sua obra uma entrevista coletiva com os veteranos da Companhia, na qual os mesmos foram questionados sobre a sensação de superioridade sobre os demais. Os veteranos responderam em tom comum que, depois do adicional mensal em seus salários, a honra e a emoção que uma tropa de elite proporcionava não poderia ser alcançada em uma tropa de infantaria regular. Segundo

⁸ O termo ‘praça’ se refere a militares de baixa patente, de recruta até primeiro-sargento, fora do grau ascendente dos oficiais.

Robert Rader, membro da Easy, “o desejo de ser melhor que o colega foi um ponto decisivo” (Rader in: AMBROSE, 2006, p-15.). E de fato foi. O líder interino da Companhia E, Richard Winters, reflete sobre a idéia de trabalho árduo: “Todos acabaram percebendo que, em sua passagem pelo exército, o melhor era dar o máximo de si, em vez de justificar a ociosidade com desculpas lamentáveis, tal como o faziam os soldados do exército regular”. (Winters in: AMBROSE, 2006, p-16.).

Oriundos de diversos estados americanos, os membros da *Easy* coincidiam em várias características. Por serem voluntários, a maioria era composta por homens atléticos ou com boa formação física, solteiros, jovens, com idades entre 17 e 25 anos, e brancos. A razão de suas condições físicas se limitava à situação socioeconômica vivida no período. Um exemplo disso era a formação profissional de muitos soldados. Alguns, como Bill Guarnere, eram camponeses, outros mineradores, mas a diversidade social predominava dentro do grupo, uma vez que incluía praças com formação superior, como é o caso do soldado David Kenyon Webster, estudante de literatura inglesa em Harvard. Todos, fossem estudantes ou camponeses, valorizavam o bem-estar comum e a hierarquia, frutos de uma sociedade conservadora. Neste momento, a identidade do grupo começa a ganhar destaque a partir das origens de seus integrantes. (AMBROSE, 2006, p-20.).

Uma característica comum às diversas formações militares elitistas americanas era a carência de experiência em combate para treinar seus homens. A Companhia E, assim como as outras formações contemporâneas à mesma, teve dificuldades em encontrar instrutores capazes de fornecer pouca ou quase nenhuma experiência nesse tipo de ação. Pouco se fez, portanto, durante o período seletivo para distinguir voluntários aptos física ou psicologicamente. Era de consenso que toda companhia de tão alto grau elitista carecia de homens capacitados, e para tanto coube aos centros preparatórios a realização de toda a “construção” cabível dentro das unidades aerotransportadas, tal como foi o Centro de Treinamento de Toccoa.

1.3.1 Toccoa

Julho de 1942. Acampamento de Toccoa, Geórgia. Um ônibus pára em frente ao portão principal do campo. Jovens ávidos para combater se juntam ao esforço de guerra americano voluntariamente. Ao fundo do acampamento, os novatos visualizam um conjunto de morros e montanhas que passavam uma sensação relaxante do treinamento que estava por vir. Porém, não imaginavam que um daqueles morros, o monte *Currahee*, seria o fator predominante para a seleção dos que iriam fazer parte de um corpo de elite ou daqueles que seriam dispensados para a infantaria regular. “A maioria era apenas crianças comuns quando entrou. Muito do treinamento visava à capacitação física e mental” (Strohl in: SPIELBERG, 2002.). Surgia neste momento a *Easy Company*.

O treinamento básico no campo era a etapa inicial do período de aprendizagem dos futuros pára-quedistas, cuja duração era de aproximadamente seis meses, exceto para aqueles que não fossem considerados aptos. Neste primeiro módulo, eram transmitidos conceitos teóricos militares, tais como marcha, manuseio de artefatos bélicos e comunicação em geral, além do treinamento físico. A hierarquia do grupo nessa fase de formação foi de extrema importância para a sua própria capacitação. O Coronel Robert Sink, formado pela Academia de West Point em 1927, era o comandante do 506º Regimento. O 2º Batalhão era comandado pelo Major Robert Strayer e a Companhia E, por sua vez, era comandada pelo rigoroso Capitão Hebert Sobel, de 28 anos.

Essa primeira organização hierárquica da *Easy* apresentou-se como fator fundamental para que muitos homens pudessem dispor de uma capacidade militar considerável, uma vez que poucos dos voluntários da formação original venceram o desafio representado por Toccoa.

Para muitos, Sobel era o maior desafio a ser “superado” naquele campo. Walter Gordon, membro da Companhia, descreve essa experiência: “Até eu aterrissar na França nas primeiras horas do Dia-D – disse em 1990 -, minha guerra era com Sobel!” (Gordon in: AMBROSE, 2006, p-24.). Porém, muitos membros ao iniciarem sua experiência em combate real na França, anos mais tarde, afirmam que Herbert Sobel “fez” a Companhia E. Testes duríssimos eram impostos aos soldados, sem restrição quanto a datas ou horários. Um exemplo disso foi um descanso oferecido pelo próprio

Sobel aos homens, com almoço reforçado, seguido de uma tarde de folga. Esses homens não usufruíam de uma alimentação de boa qualidade havia meses, tal como foi a macarronada ao molho liberada pelo comandante. Após o apetecível almoço, Sobel entra subitamente no refeitório, suspende a tarde de folga e ordena uma marcha em velocidade até o topo do monte *Currahee*. A marcha de ida e volta ao cume deveria ser completada antes dos 50 minutos de duração, lembrando que o trajeto era de pouco mais de 10 quilômetros de extensão. Segundo Robert Strayer, “*Currahee*” significava: “sozinhos, mas juntos”, e ressaltou que o nome tornou-se símbolo do acampamento, uma vez que era muito difícil marchar sobre o monte de forma isolada. (Strayer in: SPIELBERG, 2002.).

Não obstante, os homens tiveram um duro treinamento aos fins de novembro de 1942, no Dia de Ação de Graças. Em um vasto campo, Sobel, sob as ordens de Strayer, comandou um treinamento denominado “Prova das Visceras de Porco”. Uma tela de arame farpado foi estendida a aproximadamente 45 centímetros do solo e atiradores manuseando metralhadoras de modelo *Browning*.³⁰ disparavam sob o cercado. Os homens, por sua vez, rastejavam em meio a vísceras de porcos, agachados, para saírem da linha de tiro dos próprios companheiros. (AMBROSE, 2006, p-28.).

A corrida pela nomeação simbólica da melhor companhia teve seu auge em 1º de dezembro de 1942. Apenas dois dias para o término do período de permanência em Toccoa, o Coronel Sink leu um artigo na revista *Reader's Digest* a respeito de uma tropa japonesa que percorreu 160 quilômetros de marcha em apenas 72 horas. Esse era o novo recorde mundial. Espantado com a publicação, Sink afirmou: “Meus homens podem fazer melhor do que isso!” (Sink in: AMBROSE, 2006, p-28.). Todo o 2º Batalhão foi convocado para quebrar o recorde recém implantado por seus inimigos. O mesmo era composto pelas companhias D(*Dog*), E(*Easy*), F(*Fox*) e o QG do batalhão. Após a entrada americana no conflito, publicações como esta se tornaram praxe nos meios midiáticos estadunidenses. Não há menção alguma na obra cinematográfica ou exposição de outros relatos acerca do fato, porém, o que fica claro é a intenção de publicações tendenciosas como tal em incentivar a exacerbação do nacionalismo e a prova física e moral dos soldados em mostrarem melhores condições que seus inimigos.

Após 75 horas e com 12 homens fora do desafio, o 2º Batalhão percorreu um trajeto de 190 quilômetros com o tempo real de marcha em 33 horas e 30 minutos. Do total do percurso, 160 quilômetros foram percorridos em terrenos selvagens e cada soldado carregou seu equipamento completo, incluindo armamentos. Muitos homens da *Easy* sofreram além dos demais, pelo fato de carregarem artefatos bélicos pesadíssimos, tais como metralhadoras e morteiros. Ao final do percurso, todos marcharam sobre o destino, Atlanta, ao som de uma banda local, uma vez que a Companhia E foi a única a não ter nenhum soldado fora do desafio, do início ao fim. (AMBROSE, 2006, p-29.).

O período de permanência em Toccoa terminara com uma bela apresentação e um novo recorde mundial de marcha, deixando, assim, a Companhia E em posição superior às demais, tal como define com seus próprios argumentos Bill Winget, membro da *Easy*:

“Aprendemos a ser soldados em Toccoa. O grupo todo chegou sem nenhuma experiência militar, vindo direto da vida civil. Acho que os pára-quedistas da divisão *Airborne* 101 receberam o melhor treinamento possível a um soldado na época.” (Winget in: SPIELBERG,2002.).

O rígido treinamento vivenciado pelos membros das companhias pára-quedistas no acampamento de Toccoa, sobretudo a *Easy Company*, seria somente um prelúdio do que realmente estava por vir: o primeiro salto.

1.3.2 O primeiro salto

Fevereiro de 1943. Acampamento de Benning, Alabama. Após o café da manhã, os membros da *Easy Company* marcham em direção ao aeródromo. Era a primeira vez que estes homens iriam entrar em um avião. Para muitos, o primeiro salto seria a primeira e única experiência no ar, antes mesmo de retornar ao solo dentro da segurança de um avião. Tony Garcia, membro da companhia, estava pálido ao receber as ordens de salto. “Não me lembro de nada até o pára-quedas abrir”, disse. Instrumento, inclusive, que ele próprio dobrou e preparou dentro de sua mochila na

noite anterior ao salto. “Meu Deus, depois disso não foi tão mau”. (Garcia in: SPIELBERG, 2002.).

Após a experiência de quase seis meses em Toccoa e com uma elevada moral depois de conquistarem o recorde mundial de marcha, a Companhia E chegou ansiosa para seu primeiro salto no rústico acampamento de Benning⁹. Nas obras de Ambrose e Spielberg este momento é anunciado e descrito com grande importância, seja para os próprios soldados no período ou para o público alvo das mesmas. O heroísmo e a coragem são fatores essenciais para a construção da identidade do grupo, portanto a inovação técnica dada naquele momento não poderia transpassar uma sensação de pouca validade.

Os estágios deste campo eram subdivididos em quatro etapas. Porém, o regimento como um todo iniciou suas atividades já do segundo estágio, uma vez que o primeiro englobava treinamento físico de qualidade e rigidez inferior ao que as companhias já haviam vivenciado no longo período em que permaneceram em Toccoa.

O segundo estágio poderia ser considerado como preparatório para o primeiro salto. Soldados de todas as companhias que integravam o 506º Regimento treinaram durante uma semana a preparação de seus próprios pára-quadras, dobrando-os com cuidado e refazendo o processo diversas vezes para que não ocorresse qualquer problema, que, aliás, poderia ser fatal na hora decisiva do salto. Neste mesmo período do treinamento, os soldados já experimentavam saltos de pequenos simuladores localizados a 1,20 metros do chão para treinarem pouso e manuseio do pára-quadras. No fim desse estágio, os homens já saltavam de torres, com instrumentos presos a cabos de aço, a mais de 10 metros de altura. A sensação de entrar em combate já rodeava os sentimentos de muitos homens, uma vez que esse momento fora o mais realista até o momento.

O terceiro estágio do treinamento foi o período que mais exigiu fisicamente dos homens. Estes foram equipados completamente, incluindo um pára-quadras já acionado, e em seguida expostos em um terreno com um grande sistema de ventilação

⁹ O acampamento de Benning possuía uma estrutura precária para o alojamento de grandes companhias, mas o suficiente para sua função. Possuía uma pista de pousos e decolagens e os alojamentos eram dispersos ao longo do campo em barracas de lona no formato piramidal.

que forçava o soldado e seu pára-quedas para o sentido contrário. O objetivo deste estágio era educar o soldado sob qualquer circunstância a manusear corretamente seus instrumentos e rapidamente livrar-se deles para entrar em combate.

Após uma semana ainda nas torres de salto, chegou o momento decisivo para muitos homens. O primeiro salto real foi realizado em cinco momentos. Eram embarcados 24 homens por aeronave e, com raras exceções, muitos deles nunca havia entrado em um avião. A aeronave era de modelo C-47, o mesmo que seria utilizado em operações reais, e seu objetivo era voar em círculos a uma altitude de 1.500 pés. Depois de estabilizar a altura e o percurso, o co-piloto acionava uma luz vermelha fixada ao lado da porta, que por sua vez era mantida sempre aberta. O vento soprava forte no interior do avião e, somado ao forte barulho produzido pelas hélices dos motores, criavam uma sensação única para aqueles soldados tão nervosos. Ao receber o sinal vermelho, o instrutor, ou também chamado “mestre de saltos”, ordenava que os doze primeiros homens se levantassem e prendessem o gancho de seus pára-quedas em um cabo de aço no teto do avião. O cuidado com a dobragem do pára-quedas no dia anterior aos saltos permeava a mente de muitos homens. Vários deles declararam em entrevistas durante a produção cinematográfica de *Band of Brothers* o fato como um medo ou pânico a possíveis erros que, neste caso, poderiam ser fatais, permearam as suas mentes. Para a descrição desse momento carregado de tensão, deixemos que Webster, membro da *Easy*, fale por si próprio:

“Eu me aproximava da porta e saltava num vácuo enorme, de tirar o fôlego. Meu coração me vinha a boca; na mente, um branco total. O cordão de abertura semi-automática preso ao gancho do cabo de ancoragem tirou a capa traseira do pára-quedas principal; o cadarço de abertura, preso ao ápice do velame, puxou este para fora e depois rompeu-se. A rajada de vento provocada pela queda livre inflou o pára-quedas, e ele sentiu o impacto terrível da abertura. Dali em diante, os saltos foram divertidos. Eu descia suavemente, oscilando e olhando em volta, cheio de contentamento. O céu estava tomado de pára-quedistas muito bem-humorados, gritando uns para os outros.” (Webster in: AMBROSE, 2006, p-33.).

Ao término desse estágio, todos que completavam uma seqüência de cinco saltos e eram aprovados nos demais testes recebiam as tão aclamadas “asas de prata” pára-quedistas. Havia uma cerimônia rápida para a entrega de um certificado, que declarava a aptidão de cada soldado portador das “asas” como legítimo pára-quedista, além de membro de uma força de elite.

O período final da formação e qualificação dos membros da Companhia E foi marcado por uma disputa interna e, conseqüentemente, uma pequena crise envolvendo o então comandante da *Easy*, Capitão Hebert Sobel e o admirado líder de pelotão, Tenente Richard Winters. A rigidez de Sobel e algumas falhas demonstradas por ele no decorrer de treinos táticos causaram má impressão perante os homens que, em um futuro não muito distante, iriam combater ao seu lado. Em simulações de combate, Sobel demonstrava-se nervoso e inapto para tomar decisões válidas para aquele momento. Ed Tipper, membro da companhia, descreve o sentimento que permeava a tropa após duras penalidades aplicadas e os graves erros estratégicos conduzidos por Sobel:

“Isso foi um ponto de mudança de opinião decisivo para mim. Antes dessa investida de Sobel, eu tinha antipatia por ele, mas não odiava de fato o sujeito. Depois disso, passei a considerar Sobel meu inimigo pessoal e decidi que não lhe devia mais lealdade ou qualquer outra coisa. Todo mundo ficou fulo de raiva. Por outro lado, eu sabia que havia outros caras da Companhia E que falavam pouco, mas que, a meu ver, eram perfeitamente capazes de matar Sobel se tivessem oportunidade.” (Tipper in: AMBROSE, 2006, p-39.).

Após a passagem por um curto período de tempo em pequenos campos de treino, os membros da *Easy Company* foram levados ao porto de Nova Iorque, cheios de sentimentos contraditórios: a ansiedade de embarcar para um local desconhecido e lutar ao lado de Sobel, um homem que, para muitos, era o próprio inimigo. Não havia nenhum soldado, graduado ou não, ciente do destino que iriam tomar dentro da guerra. Corriam boatos e leves palpites, mas o fato era que iriam para a Europa lutar contra as tropas nazistas ou para as ilhas no Pacífico combater os japoneses. O clima tenso intensificou-se quando ordens superiores exigiram a retirada dos distintivos pára-quedistas e das botas especiais que os membros de toda 101ª Divisão *Airborne* usavam. O motivo: não tornar público o embarque de toda uma divisão aerotransportada para o *front* para que espões não o informassem a seus respectivos países. Neste momento, o clima de suspeita quanto ao destino já se tornara ameno, uma vez que era nítida a possibilidade de uso destas tropas em uma possível invasão ao continente europeu.

1.3.3 O batismo de fogo

“Caro senhor e senhora. Logo seu filho saltará do céu para entrar em combate e derrotar o inimigo. Ele terá as melhores armas e os melhores equipamentos. Ele passou por meses de treinamento rigoroso e cansativo para estar apto a triunfar nos campos de batalha. Suas cartas freqüentes, cheias de amor e encorajamento, servirão para muni-lo com ânimo de luta. Com isso, ele não tem como fracassar, mas, sim, conquistar a glória para si mesmo e fazê-los orgulharem-se dele e de seu país, sempre grato pelo serviço dele, nesta hora de necessidade. - Herbert Sobel, Capitão, comandante.” (Sobel in: AMBROSE, 2006, p-44.).

Por intermédio do comunicado acima citado, o comando da Easy transmitiu a todas as famílias de seus integrantes, informações sobre a partida do grupo para o front. Era 3 de setembro de 1943. A companhia seguiu para a Europa a bordo do navio a vapor “Samaria” com capacidade para mil passageiros, mas que na realidade transportava cinco mil pára-quedistas totalmente equipados.

Durante os próximos oito meses, a preparação da invasão aliada ao continente europeu foi detalhada ao máximo para que seu sucesso não fosse comprometido. Winters lembra sobre questões que permeavam as mentes de cada soldado a bordo daquele navio: “Você sabia que era um pára-quedista, que saltaria atrás da linha inimiga. O que esperar? Você não faz idéia. Isso faz qualquer um refletir por alguns minutos.” (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

Na obra “O que é Guerra?”, do cientista político Roberto Numeriano, o autor descreve a essência da guerra no espírito humano, portanto, a reflexão de luta, mesmo em situações como as descritas por Winters acima, permitem compreender a mentalidade do homem moderno:

“Ao dizer que o mais importante é vencer a guerra, ainda que perdendo algumas batalhas, o homem moderno está em essência traduzindo uma visão genérica sobre a vida: tudo é uma guerra com suas sucessivas batalhas diárias. Antes que expressão da sabedoria popular, a sentença apenas revela o quanto a guerra se insere no cotidiano das pessoas e dos países como algo normal.” (NUMERIANO, 1990, p.33.).

Com base na citação acima, é possível compreender a aceitação de tal desafio pelos voluntários da Companhia com “normalidade”, mesmo cientes de que teriam de abster-se às suas necessidades psicológicas naturais, tais como a relação familiar e a vida cotidiana. É importante ressaltar o papel da propaganda e da construção do patriotismo incumbido neste processo de “normalização” do conflito bélico por parte do estado. Ainda assim, o nível de aceitação dentro das tropas voluntárias aerotransportadas alcançou níveis incompreensíveis aos olhares atuais, como, por exemplo, o transporte até a linha de frente sob condições precárias.

Aos 15 dias de setembro, doze dias após o início da viagem, o navio trazendo o novo efetivo aerotransportado atraca em Liverpool, Inglaterra. O desembarque em um novo território e a proximidade das hostilidades não amenizou o problema interno que afetava a Companhia E. Três dias após o desembarque em território inglês, a “disputa” para o comando da *Easy* gerou uma pequena insurreição entre os líderes de diversos pelotões. Todos sabiam dos riscos que sofreriam caso se manifestassem a respeito, mas nenhum deles concordou naquele momento em entrar em combate com um líder despreparado taticamente.

Com vários líderes de pelotão rebaixados e outros transferidos, o Tenente Thomas Meehan assume o posto de comando da *Easy Company* e Herbert Sobel é transferido para um campo de treinamento pára-quedista em Chilton Foliat, Inglaterra. Este último era destinado a preparar civis que iriam atuar no *front* como auxílio às tropas em combate, tais como médicos, padres, etc. Já Richard Winters, tornou-se comandante do 1º Pelotão.

Até a primavera de 1944, todos os homens alocados no campo de Aldbourne, Inglaterra, se preparavam com treinos táticos e simulações de combates para seu batismo de fogo. Esse período durou cerca de um ano.

Antes mesmo dos integrantes das tropas aerotransportadas receberem o *briefing* de sua missão inaugural, a Operação *Overlord* (“Senhor Supremo”) estava sendo elaborada no mais alto grau de sigilo e logística. O Dia-D, como era também denominada a operação, teve sua preparação iniciada sete meses antes, quando os líderes dos países aliados concordaram durante a reunião em Teerã, no Irã, que era

necessário a abertura de uma terceira linha de frente no conflito, mais especificamente no lado ocidental.

Com táticas de espionagem e contra-espionagem de altíssima qualidade, os aliados criaram em meios fascistas uma confusão generalizada. Inicialmente, os alemães não possuíam qualquer confirmação de data ou local de uma iminente invasão. Contudo, cabe ressaltar o pioneirismo aliado em organizar de forma secreta uma operação de proporções gigantescas.

Mesmo sem a definição aliada de uma data para o início da operação, os membros da Companhia E foram alocados de forma abrupta, sem prévio aviso, e de maneira sigilosa para um campo de aviação em Uppottery, sudoeste da Inglaterra.

Entre os meses de dezembro de 1943 a maio de 1944, os treinos se tornaram, além de intensos, cada vez maiores. Um exemplo disso foi um salto organizado pelo alto comando aliado envolvendo mais de mil soldados. O nervosismo entre os homens aumentou quando foi anunciada a presença no local de figuras ilustres, tais como Winston Churchill, primeiro-ministro britânico, e Dwight Eisenhower, chefe supremo das forças armadas aliadas. O praça Donald Malarkey, membro da Companhia E, descreve o momento ao ser entrevistado por Eisenhower após o salto:

“-‘Soldado, de onde você é?’ – perguntou-me Eisenhower. Respondi: - ‘Astoria, Oregon’. Ike¹⁰ rebateu: - ‘O que você fazia antes da guerra?’. Respondi que era aluno da Universidade de Oregon. Em seguida, Ike me questionou a respeito do último jogo de futebol americano entre universidades e se eu pretendia voltar para lá depois da guerra. Em seguida, voltou-se para Churchill e sugeriu que o primeiro-ministro fizesse uma pergunta. Churchill me questionou a respeito de seu país, o que eu tinha achado da Inglaterra. Afirmei o meu gosto pelo país, uma vez que admirava a história do mesmo e a literatura inglesa. Churchill prometeu devolver-me ao meu país de origem. Certamente um momento memorável.” (Malarkey in: AMBROSE, 2006, p-61.).

Cabe neste momento ressaltar a pequena parcela que os pára-quedistas da *Easy Company* representavam em meio ao enorme processo de invasão. A operação mobilizou naquele momento 175 mil soldados, além de 5 mil navios, 7 mil veículos e 11 mil aeronaves. Nota-se, porém, a clara importância da operação e o papel que as pequenas companhias poderiam desempenhar nas linhas de frentes.

¹⁰ Hipocorístico de Eisenhower.

Para a segurança do sigilo operacional, os soldados também foram privados de liberdades individuais, de circulação para fora dos campos e de comunicação com familiares através de cartas ou mensagens. Guarnere descreve o esperado momento:

“Colocaram guardas em volta da área militar para ninguém sair. Foi quando sentimos que era hora. Não sabíamos o dia, não sabíamos onde saltaríamos até sermos trancados. Aí nos disseram exatamente qual seria a missão.” (Guarnere in: SPIELBERG, 2002.).

Diante deste cenário surge um questionamento: como ocorre entre os combatentes, o aceite de uma guerra e suas conseqüentes restrições? Numeriano sugere uma hipótese. De acordo com o cientista político:

“Os rituais, com todas as suas simbologias, apenas traduzem a guerra em suas múltiplas funções na civilização. A própria sociologia, sobretudo sob a ótica de militares e/ou ideólogos do militarismo, costuma servir para analisar (e, muitas vezes, justificar) valores funcionais na guerra. Argumenta-se que o confronto bélico tem suas funções e “lados positivos”, dependendo das circunstâncias em que se dá. Ele seria ainda, acima de qualquer possibilidade de racionalização, uma imposição natural da “ordem das coisas”. Algo inexplicável, como o fogo era para o homem primitivo.” (NUMERIANO, 1990, p.37.).

Seguindo esta vertente interpretativa, pode-se inferir que não há uma lógica para aceitação da guerra e com relação a Companhia E, constata-se que esta estava ciente do fato e permaneceu, junto com as demais equipes, aguardando a chamada para o “batismo de fogo”.

O comandante da Companhia, o Tenente Meehan, anunciou, sobre um grande mapa, quais seriam as missões primárias e secundárias a todos os membros. Neste mapa, estavam especificadas todas as construções, pontes, colinas, dunas de areia e possíveis posições inimigas de forma que nenhum soldado ali presente apresentasse qualquer dúvida. Todos foram obrigados a livrarem-se de quaisquer mapas que pudessem indicar objetivos ou missões aliadas e decorar tudo o que deveriam fazer. Assim, a operação não correria risco, caso algum deles se tornasse prisioneiro.

De forma geral, a operação estava subdividida em cinco partes: as praias de Omaha e Utah, de responsabilidade americana, Sword e Gold, de competência britânica, e Juno, sob direcionamento das forças canadenses. As praias que receberam estes codinomes estavam localizadas em uma extensão de apenas 90 quilômetros, nas

costas da Normandia, França. De forma geral, as tropas aerotransportadas deveriam saltar atrás das linhas alemãs, desestabilizar comunicações, dispersar pontos de resistência e abrir espaço para as tropas provenientes dos desembarques anfíbios. No entanto, a 101ª Divisão teve por objetivo específico tomar a cidade de Carentan, ligando, assim, as praias de Utah e Omaha, e destruir uma guarnição alemã localizada entre as praias em uma cidade francesa chamada Saint Marie Du Mont. O salto foi marcado para 04:00 horas antes do início da invasão que ocorreria nas praias de Utah e Omaha, às 06h30min.

Um fator marcante para os soldados da Companhia era os equipamentos que cada um deveria levar. Cada soldado deveria carregar aproximadamente 70 quilos de materiais, entre equipamentos bélicos e de sobrevivência para três dias, além do tipo de armamento que diferenciava cada soldado de sua respectiva função.¹¹ O praça Joseph Lesniewski narra este momento: “Estávamos super atulhados. Levamos tudo que podíamos levar. Itens pessoais, além das coisas necessárias que tínhamos de carregar. Estávamos realmente atulhados!” (Lesniewski in: SPIELBERG, 2002.).

No dia 4 de junho de 1944, os membros da Easy Company estavam aportados em barracas no campo de aviação, já semi-equipados, aguardando novas ordens. Neste momento, os líderes dos pelotões foram instruídos a divulgarem uma apólice de seguro que garantia, em caso de falecimento do soldado, uma quantia de dez mil dólares para a sua família. O nervosismo parecia não contagiar os membros da *Easy*. A qualidade de vida dentro da companhia melhorava o teor nutricional de sua alimentação e a ausência de treinos rígidos crava uma sensação de conforto entre os homens. O praça Webster descreve na obra de Stephen Ambrose a sensação de estarem sendo “engordados para o abate”. (AMBROSE, 2006, p-69.). Porém, no mesmo dia em que todos receberam a notícia de que partiriam na madrugada do dia 5. Bill Guarnere recebeu a notícia de seu colega, Sargento Martin, que seu irmão, membro da infantaria americana, fora morto em combate no Monte Cassino, Itália. Bill relembra do fato:

¹¹ Os equipamentos iniciais de cada membro da *Easy* eram: três dias de ração (incluindo chocolate, ou doces em geral, café, açúcar e fósforos), bússola, baioneta, ferramentas, munição, máscara de gás, bolsa com munição extra, faixas, pistola de modelo Colt 45, cantil, dois pacotes de cigarros, minas terrestres, duas granadas, granada de fumaça, granada gama, TNT, dois calções, pára-quedas reserva e principal, colete, metralhadora e bolsa de perna exclusiva para o salto. Esta última, por sua vez, pesava, sozinha, 40 quilos.

“Aquilo me deixou enfurecido. Foi quando saltei no Dia D. Jurei que mataria todos os alemães com os quais eu cruzasse. Acho que por isso me chamam de “*Wild Bill*”. Matei muito no Dia-D.” (Guarnere in: SPIELBERG, 2002.)

O mal tempo fez com que o salto programado para aquela madrugada, assim como toda a operação, fossem adiados por, pelo menos, 24 horas.

Após uma pequena melhora nas condições climáticas, o alto comando aliado ordenou o início das operações. A decolagem dos pára-quedistas estava programada para o início da noite. Os soldados organizaram seus equipamentos e aguardaram sentados às margens da pista do aeródromo. Em uma fileira de aproximadamente mil aeronaves, os líderes aliados decidiram marcar os aviões C-47 com faixas brancas e pretas para que, durante um combate, não houvesse confusão e danos aliados às suas próprias linhas. Como último ocorrido antes do salto, os médicos do acampamento ordenaram que todos os pára-quedistas ingerissem uma pílula contra enjôo, contudo, a sua ingestão causou grande sonolência e, em alguns casos, graves perdas de reflexos motores em grande parte dos soldados.

Neste mesmo ínterim, o Coronel Sink encaminhou uma carta de despedida para seus homens:

“Soldados do regimento pára-quedista, hoje é a grande noite. Ao lerem isto, estarão a caminho da grande aventura para a qual foram treinados por mais de dois anos. Boa sorte e fiquem com Deus! – Coronel Robert Sink” (Sink in: SPIELBERG, 2002)

Para os 13.400 pára-quedistas que embarcaram para o combate, estas palavras se tornaram confortáveis até o momento em que vivenciaram o auge da ação, entretanto muitos destes homens ouviram pela última vez as palavras de seu comandante.

2.1 O Dia-D, Hora-H



FIGURA 1 – O Dia-D – BAND OF BROTHERS. Stephen Ambrose. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.8.

“Soldados, marinheiros e aviadores da Força Expedicionária Aliada: vocês estão prestes a embarcar na *Grande Cruzada* para a qual nos dedicamos todos esses meses. Os olhos do mundo estão sobre vocês. Boa Sorte! Vamos todos suplicar a bênção de Deus Todo-Poderoso para esta grande e nobre tarefa. – General Dwight D. Eisenhower – Comandante Aliado Supremo.”

As mensagens transmitidas pelas rádios e pelos correspondentes de guerra do General Eisenhower anunciavam a grande ofensiva que estava por vir. A tensão tomava conta dos membros das 101^a e 82^a divisões que compartilhavam os céus europeus ao atravessar o Canal da Mancha. Neste ínterim, os pára-quedistas dividiam os céus franceses em mais de mil aeronaves. Winters descreveu a grandiosidade da operação:

“O céu estava muito claro sobre o canal. Como eu era o encarregado do salto, pude me deitar na porta do avião com a cabeça para fora, olhando para baixo. E vi milhares de navios. De LCLS¹² a navios de guerra, ali no canal. Foi quando percebi pela primeira vez o quanto a invasão era grande. A invasão era tremendamente grande. Viajamos por cerca de uma hora e meia até chegarmos ao sul da Inglaterra e passar pelas ilhas Jersey e pela península de Cherbourg. Foi quando os disparos começaram.” (Winters in: SPIELBERG, 2002)

Enquanto muitos membros da Companhia E amenizavam a tensão fumando seqüências de cigarros ou apreciando a paisagem grandiosa observada do lado de fora das aeronaves, outros dormiam profundamente, ainda sob efeito das pílulas ingeridas antes do salto. Antes de embarcar, todos os soldados receberam um simples objeto de plástico, cujo estalo servia como instrumento para comunicarem-se na escuridão margeada pelo silêncio. Esse “brinquedo” acabou tornando-se um meio de distração durante a viagem. Porém, toda ação era perseguida por um mórbido silêncio.

Subitamente, os disparos alemães começaram assim que as aeronaves foram visualizadas pelos postos de observações nazistas na costa francesa. Após segundos sobrevoando as praias normandas, o co-piloto da aeronave acionou o sinal vermelho, indicando a proximidade do salto. Todos os homens se levantaram e, em fila indiana, engataram seus pára-quadras em um cabo de aço sobre as suas cabeças. O mestre de salto ordenou que cada um verificasse os equipamentos presos às costas de seu companheiro. A contagem teve início.

As aeronaves, ao se aproximarem de suas respectivas zonas de salto, diminuíram drasticamente suas altitudes, de aproximadamente 3.000 metros, para 600 metros, em meio ao pesado fogo antiaéreo alemão. Porém, praticamente todos os pilotos já estavam fora de suas formações ou haviam perdido suas zonas de salto.

¹² Lanchas de assalto para desembarques rápidos.

As primeiras vítimas militares estadunidenses no conflito ocidental começaram a aparecer. Muitos homens foram atingidos por estilhaços da Artilharia Antiaérea (AAA'S) e tantos outros aviões abatidos antes que seus tripulantes saltassem. Foi o caso do avião onde estava o comandante da Companhia Easy, o Tenente Thomas Meehan e sua tripulação. Neste momento, mesmo sem tomar ciência do ocorrido, Richard Winters, segundo homem no comando, tornou-se o líder da Companhia.

Muitos aviões voaram a altitudes baixíssimas, pondo em risco a vida dos pára-quedistas. Alguns pilotos, sem outra opção mais viável, aguardaram o nível de combustível de suas aeronaves chegarem ao limite, garantindo, ao menos, o seu retorno, e acionaram, em seguida, a luz verde para que os homens saltassem. John Martin nos descreve esta situação:

“Finalmente os pilotos, imagino que pensaram: ‘temos tanto de combustível e temos de voltar para a Inglaterra. O que vamos fazer com esse pessoal? Dar sinal verde em algum momento’. Estávamos pronto para saltar!” (Martin in: SPIELBERG, 2002)

Começaram, neste momento, a surgir os obstáculos inerentes a qualquer operação. Os homens foram instruídos a se comunicarem em terra, o mais silenciosamente possível, com alguns códigos. O principal deles era “*Flash*”, para o homem que questionava o indivíduo suspeito na escuridão, e “*Thunder*”, para a resposta do homem questionado. Com a confusão gerada pelos percursos errôneos dos aviões, a comunicação entre os homens dispersos em terra tornou-se o ponto vital para a operação e sua conseqüente progressão.

Outro erro já observado logo nos primeiros minutos da ação foram os equipamentos individuais dos soldados, pois muitos homens os perderam no salto, tal como descreveu Winters:

“O deslocamento de ar devido a explosão de uma das hélices do avião arrebatou a correia do meu capacete. Foi quando perdi a famosa bolsa de perna de que tanto falamos. Devido ao choque da explosão. Saiu voando do meu pé!” (Winters in: SPIELBERG, 2002)

O principal desafio dos pára-quedistas neste primeiro minuto não seria o combate em si, mas como combater, uma vez que equipamentos como bússolas, mapas e armas foram perdidas junto com as suas bolsas de pernas. Mesmo a grande maioria tendo memorizado seus objetivos, a Companhia E, como um todo, encontrou enorme

dificuldade para localizar-se inicialmente. Paul Rogers, membro da equipe, definiu seu primeiro minuto de ação: “Lá estava eu, com uma faca e um cantil e umas seis barras de doce no bolso, pronto para combater o exército alemão!” (Rogers in: SPIELBERG, 2002.).

Ambas as obras entram em consenso quando apresentam uma forte desorganização entre os pára-quedistas. Porém, as divisões aerotransportadas americanas que participaram da operação são representadas pela historiografia americana como “vítimas” de uma desorganização causada pela Força Aérea Americana (USAF) no momento em que esta os lançou em efetivo combate fora das áreas pré-determinadas. Por sua vez, a desorganização aérea deveu-se à força menosprezada dos soldados nazistas. Não obstante, os equipamentos são apresentados nas obras, em especial na produção cinematográfica, como excessivos ou mal elaborados tecnicamente.

As duas divisões americanas permaneceram conseqüentemente espalhadas ao longo de todo litoral normando. O Tenente Richard Winters saltou próximo a cidade de Saint Mère Èglise. Sozinho, assim como vários outros membros, iniciou a procura de seu objetivo principal. Porém, não poderia entrar em combate direto, uma vez que portava somente uma baioneta presa em sua bota pára-quedista. Como em muitos casos, juntou-se com membros da 82ª Divisão que também estavam espalhados longe de seus comandantes e objetivos.

A partir do momento em que aterrissou em solo francês, Winters e seus homens tiveram quatro horas para completar seus objetivos, até que os desembarques na praia de Utah tivessem início. Porém, cabe aqui ressaltar que a Companhia E saltou a aproximadamente 7 quilômetros de seu objetivo.

Ao longo do trajeto, muitos homens foram sendo integrados à Companhia. Neste mesmo percurso, o elemento surpresa estava em risco. Muitos pára-quedistas foram abatidos ainda no céu. Corpos estavam presos sob as árvores e equipamentos espalhados ao longo de todas as zonas de saltos. Ao amanhecer do dia 6 de junho, a *Easy* estava longe de seu objetivo e os desembarques em terra já haviam começado. Tal fato poderia comprometer toda a operação. Ao encontrar colegas mortos, a Companhia, bem como seus agregados da 82ª Divisão, rearmou-se e prosseguiu rumo

ao seu objetivo. Vários focos de resistência foram localizados ao longo do percurso. E, com o dia amanhecendo, os membros da Companhia sentiram a vibração de diversos obuses americanos e alemães sendo disparados em sentidos opostos sobre suas cabeças. O anúncio dos desembarques aliados não agradou aos pára-quedistas que, momentaneamente, estavam à procura do comandante de sua companhia para se orientarem quanto ao ataque planejado contra um posto de artilharia alemã.

Cabe aqui ressaltar a grande valia dada ao fato pela produção cinematográfica. A falta de comando ou equipamentos, bem como armamentos, foi apresentada como a principal dificuldade das 82^a e 101^a divisões. Percebe-se nesta fase inicial da atuação americana a intenção de supervalorizar os seus feitos, deixando, assim, as dificuldades logísticas fora de foco ou como consequência de um ato imprevisível, sem ligação com os elaboradores da ação.

Com 90% dos homens desaparecidos e com seu comandante, o Tenente Meehan, entre os membros desaparecidos, a *Easy* foi reorganizada para entrar em efetivo combate. O objetivo da companhia era atacar e inutilizar canhões alemães de pesado calibre (105 mm) que disparavam contra as tropas na praia de Utah. Os canhões estavam posicionados em “L” além de cobertos por trincheiras camufladas, “invisíveis” aos aviões de bombardeio ou de reconhecimento que antecederam o início da operação. Ademais, estavam protegidas por metralhadoras alemãs de modelo MG-32, com excelente cadência de tiro. As armas foram escondidas a 5 quilômetros da praia de Utah, em uma fazenda denominada Brecourt Manor.

Logo nas primeiras horas de combate, boatos rodeavam as mentes atordoadas pelas recentes experiências chocantes. Vários membros da *Easy* compartilhavam fatos referentes à integridade ou à imagem de vários líderes ou integrantes da companhia. Um exemplo disso foi a notícia difundida entre os homens de que o Tenente Ronald Speirs, comandante de outra companhia, teria fuzilado um grupo de prisioneiros alemães estacionado às margens de uma estrada de lama, por onde a Companhia E passara horas antes. Segundo combatentes, Speirs oferecia cigarros, enquanto os soldados alemães cavavam uma grande vala, em seguida, o tenente oferecia fogo. Neste momento todos os soldados nazistas eram fuzilados. Não houve registros oficiais ou qualquer menção de tais fatos em sua ficha perante o Exército, porém

Speirs não desmentiu várias histórias criadas sobre suas ações para apresentar-se, segundo a obra de Steven Spielberg, como um oficial competente e rígido quando necessário.

Neste clima, a Companhia se dirigiu para o posto de comando para receber as últimas ordens antes de atacar. Já com o comando provisório, Winters organizou seu batismo de fogo e selecionou doze homens, inclusive um membro da *Abble Company*, o praça John Hall, que estava agregado a equipe desde o confuso salto. Tal fato mostra a escassez de contingente e a desorganização das linhas americanas. Compôs também a equipe o praça Lorraine, motorista do Coronel Sink. É possível visualizar a total falta de efetivo por parte das companhias, uma vez que vários integrantes da *Easy* estavam perdidos ou espalhados ao longo da costa francesa.

O ataque foi preciso e levou ao combate apenas uma esquadra de doze americanos contra uma tropa alemã, composta por aproximadamente cinquenta soldados. Don Malarkey, integrante da *Easy* e participante do ataque relata:

“A *Easy* era a companhia de ataque. Fomos treinados para ataques especiais, tarefas especiais. Mas eles não sabiam que tínhamos somente 12 homens. Assim, Atravessamos a área da fazenda até uma sebe¹³ e o Tenente Winters montou uma posição de fogo.” (Malarkey in: SPIELBERG, 2002.).

Os quatro canhões estavam em frenética ação contra as tropas em desembarque e era necessário que a *Easy* inutilizasse tais armas para o progresso da operação naquele trecho. Deixemos que o comandante fale pelo grupo:

“Dividi o grupo em duas unidades. O Tenente Compton estava comigo. Dei metade dos homens pra ele e fiquei com metade. Dei instruções para Compton, Malarkey e Wynn subirem e atirarem granadas na primeira metralhadora. Disse: ‘Rastejem pelo mato e, enquanto atiram granadas, ataco com o restante do pessoal’. Posicionei duas metralhadoras para dar cobertura a eles enquanto agíamos.” (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

Winters e seus homens se infiltraram nas trincheiras alemãs, realizando, assim, um ataque fantasma. Muitos soldados nazistas fugiram de seus postos e outros mais foram abatidos em combate, entretanto o fator predominante na ação foi, além da precisão, a surpresa aliada à boa estratégia elaborada por Winters. Nesta ação, o

¹³ Cerca viva.

comandante demonstrou seu potencial como líder de uma companhia bem treinada. É possível afirmar esse papel baseando-se em vários relatos, tais como o de John Martin: “Winters era um líder excepcional. Ele foi capaz de avaliar bem toda a situação durante o combate”. (Martin in: SPIELBERG, 2002.). As baixas da Companhia foram relativamente pequenas, se comparadas ao grande entrave que ocorreu. O praça, John Hall, foi morto em ação e o praça Popeye ferido com um tiro nas nádegas¹⁴. O desespero de homens, membros da companhia, em serem feridos e terem que sair do front, deixando seus companheiros para trás, se mostrou intenso dentro do período inicial de combate da equipe.

O filósofo J. Glenn Gray narra em sua obra *The Warriors* (sem edição portuguesa) a propriedade da amizade em pequenas unidades de combate. Em um trecho reproduzido na obra de Stephen Ambrose, Gray disserta a respeito da diferenciação entre a união e organização de algumas instituições convencionais rumo ao objetivo comum e de organizações militares em tempos de guerra, objetivando um semelhante sucesso coletivo. Dentro desta comparação, o autor ressalta a amizade como um êxtase, ou seja, uma visão comunitária da própria vida onde um homem está pronto para entregar sua vivência terrena em prol de um bem comum ou de uma superação individual para benefício de um companheiro de trincheira sem medir conseqüências pessoais. (Gray in: AMBROSE, 2006, p-21.).

Nenhum desses homens, por mais difícil que estivesse a situação, demonstrou em seus relatos a vontade de deixar o campo de batalha para que outros homens perecessem no local. Popeye afirmou que sentiu no momento uma sensação de decepção, não por si só, mas de sua imagem perante os outros homens. Winters declara explicitamente este sentimento que perdurou todo o conflito:

“Ele está atrás das linhas inimigas no Dia-D. Ele grita por socorro? Não! Ele grita: ‘Lamento tenente. Lamento. Fiz bobagem!’ Santo Deus! É lindo quando você pensa num cara dedicado à companhia, aos amigos, que pede desculpa por ser atingido. Ele era assim, eles todos eram assim, eram iguais. Olho pra eles, pra cada homem, com grande respeito. Respeito que não posso descrever. Cada um deles provou ser capaz de realizar seu trabalho. Estivemos na Normandia, estivemos em combate. Talvez...se eu tivesse sido mais duro, se tivesse sido um pouco melhor...mais homens tinham ido para casa!” (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

¹⁴ Esse tipo de ferimento tornou-se símbolo da Companhia E, uma vez que diversos membros foram feridos com um disparo nas nádegas.

A sensação de desapontamento transcrita no relato acima transmite explicitamente a ligação e o respeito preservado entre cada membro da Companhia E. Não há como generalizar tal sentimento a todas as unidades do exército norte-americano, porém há como perceber conseqüências destas ligações em diversas unidades de pequeno porte, em especial as forças especiais. É bom ressaltar neste momento, entretanto, a intenção de vários integrantes em preservar uma imagem de alto nível entre uma equipe “tão unida”. Portanto, trabalhar com memórias tão flexíveis a realidades, nem sempre heróicas, torna-se uma tarefa árdua.

Atualmente, o ataque efetuado pelo grupo à bateria alemã tornou-se exemplo de uma ação a um ponto fixo e ainda é demonstrado em aulas teóricas na Academia Militar de West Point, nos EUA. Após o primeiro combate, com relativo sucesso e muitos membros da companhia condecorados, a *Easy* permaneceu mais trinta e três dias na Normandia. No Dia-D+34¹⁵, a companhia retornou para Aldbourne, Inglaterra, com 74 homens, entre oficiais e praças. Eles saltaram com 139 soldados.

2.2 Market Garden

¹⁵ Referência aos dias que se somam ao Dia-D, ou seja, do momento em que ocorreu a invasão mais os dias em que permaneceram em combate.

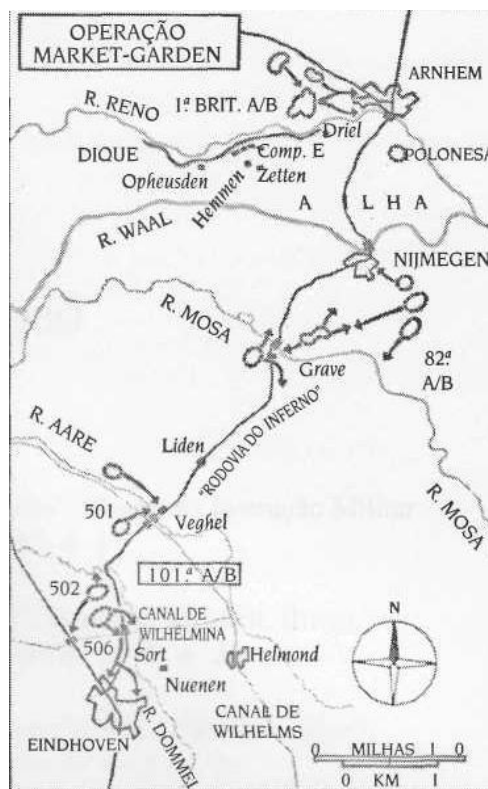


FIGURA 2 – Market Garden – BAND OF BROTHERS. Stephen Ambrose. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.9.

13 de setembro de 1944. Aldbourne, Inglaterra. Após o primeiro mês de combate, a Companhia E se reuniu em território aliado para receber reforços e se reagrupar. A grande parte dos esquadrões da companhia começou neste momento a ser composta por substitutos. Guarnere definiu o sentimento receptivo dos veteranos: “Não sei por que, mas eu não queria ser simpático com os substitutos que chegavam, porque não gostava de vê-los mortos. Partia-me o coração. Não entendo, mas foram os primeiros a morrer!” (Guarnere in: SPIELBERG, 2002.).

Nos próximos três dias, a Companhia vivenciaria um tenso período de espera, porém não tão agonizante quanto o batismo de fogo aguardado por eles durante dois anos. O avanço surpreendente das forças aliadas na França, já ocupada, fazia com que missões designadas a todo o momento aos pára-quedistas fossem canceladas, uma vez que as forças em terra comandadas pelo General Patton não estacionaram desde os desembarques em território francês.

Composta por mais de 40% de novatos, a Companhia E recebeu seu próximo objetivo: a desocupação da Holanda. A operação estava prevista para o dia 17 de setembro de 1944 e contou com um maior efetivo aerotransportado que o próprio Dia-

D. Winters repassou as ordens aos soldados e informou que o salto seria realizado durante o dia. O objetivo, segundo Winters, foi capturar uma estrada que ligava as cidades de Eindhoven e Arnhen, para que duas divisões blindadas britânicas pudessem ter livre acesso à última e, por fim, libertar Eindhoven. Ali, os soldados deveriam aguardar os mesmos blindados. Todo o esforço de guerra na Europa foi suspenso e direcionado exclusivamente para tal operação. O que marcou o momento para as divisões americanas pára-quedistas envolvidas foi o seu comando estar sob jurisdição inglesa, ou seja, sob comando de Montgomery, comandante das forças britânicas no conflito.

Através da libertação holandesa, os aliados tinham por objetivo invadir a Alemanha justamente pela fronteira com a Holanda e não através da França, uma vez que os complexos industriais nazistas estavam margeando as fronteiras germânico-holandesas. Previam-se, através dessa operação, a derrota nazista até dezembro do mesmo ano.

A inteligência aliada esperou uma operação com riscos menores do que a Operação Overlord, uma vez que as tropas alemãs estacionadas na Holanda eram, segundo espões aliados, compostas por soldados inaptos para um combate de tal proporção.

Às vésperas do embarque, novatos e veteranos se relacionavam de forma ríspida ou, em vários momentos, limitados ao coleguismo militar. Neste mesmo ínterim, Herbert Sobel entrou novamente em cena reaparecendo em uma inspeção logística dos equipamentos a serem utilizados na ação. Muitos veteranos entendiam que sua sobrevivência no *front* ocorreu graças ao rígido treinamento que receberam daquele homem e não às suas estratégias em combate. Os substitutos não compreenderam, naquele momento, tanta movimentação causada pelo retorno de um homem franzino e ríspido como Sobel.

Era uma tarde de domingo margeada pelo ótimo clima e temperatura amena. O batismo de fogo para os novatos e o último salto para o restante da Companhia ocorreu de maneira segura e agradável. Diferente do Dia-D, não houve significativa resistência antiaérea e, ao aterrissarem, não houve resistência nazista. O dia claro forneceu ótima visibilidade, confirmando a hipótese de que a operação não corria grandes riscos. O

maior perigo no momento foi representado pelos próprios pára-quedistas, como descreveu Richard Winters, anos mais tarde:

“O mais perigoso foi o fato de as pessoas estarem perdendo capacetes e equipamentos sem parar. Era uma chuva de equipamentos. Se o acertasse, você podia morrer ou se ferir antes de deixar o local.” (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

Os equipamentos utilizados nos saltos ainda compunham grande parte das dificuldades iniciais devido à sua quantidade, mesmo com o rígido treinamento vivenciado pelos combatentes. Diferente da Normandia, não houve problemas de reorganização ou localização dos vários objetivos a serem cumpridos pelos homens. Após o reencontro, a Companhia aguardou o término das ações de bombardeio de aeronaves aliadas e, em seguida, dirigiu-se ao canal Guilhermina, onde estava localizada uma importante ponte de ligação entre várias cidades holandesas. Antecipados, os soldados alemães implodiram a ponte já com a proximidade da Companhia. Não houve baixas entre os pára-quedistas, porém os soldados nazistas provaram com isso sua “aptidão” para o combate. A explosão retardou a Companhia até o dia seguinte e mostrou que os bombardeios não obtiveram o efeito desejado. Quando conseguiram atravessar, os homens da *Easy* foram surpreendidos, desta vez, pelo povo holandês.

A *Easy Company* entrou na cidade de Eindhoven sem qualquer resistência e ali encontrou a população nas ruas comemorando a retirada alemã. Após quatro anos de ocupação, a Holanda começou a ser libertada. Para os substitutos, a guerra, até então, não havia transmitido a sensação árdua de que os veteranos tanto reclamavam. Mulheres os beijavam, crianças os presenteavam e velhos os cumprimentavam. Não houve nenhuma forma de combate durante a operação até aquele momento. As primeiras baixas naquela cidade só ocorreram entre os próprios habitantes, uma vez que vários homens e mulheres estavam sendo linchados em público por colaborarem de alguma forma com os alemães. A resistência holandesa forneceu informantes, inclusive crianças, para orientar a companhia sobre as próximas pontes a serem tomadas. Don Malarkey, veterano da Companhia, refletiu sobre a recepção holandesa:

“Eles nos chamavam de anjos do céu. O que de fato éramos. Você está sob ocupação alemã por quatro anos. Certo? É horrível. E você vê pára-quedistas caindo do céu no domingo de

manhã. Quem são? Anjos. Eles amam você. A recepção deles foi inacreditável. Eles não conseguiam controlar a alegria em nos ver. Foi difícil andar pelas ruas porque as pessoas estavam lá apinhadas, tentando nos parabenizar por estar lá e tal. Nos abraçavam e beijavam. Não ligamos. Éramos jovens, não ligamos nem um pouco. A alegria era tanta que se tornou perigoso para nós. Poderiam haver atiradores lá!” (Malarkey in: SPIELBERG, 2002.).

Combatendo de povoado em povoado através da “estrada do inferno”, a *Easy* cruzou a Holanda rumo ao rio Reno.¹⁶ “Houve muitos combates naquela área porque estávamos no rio Reno (...) A Alemanha fica do outro lado. Eles lutaram arduamente para nos manter fora da Alemanha!” afirmou Winters em entrevista para a produção de *Band of Brothers*. (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

Com as inúmeras baixas na campanha da Normandia, alguns problemas começaram a surgir entre os veteranos e os substitutos logo no estágio inicial da Operação Market Garden. As diferenças sociais e os níveis intelectuais entre os soldados da *Easy* não interferiram no relacionamento cotidiano, salvo à chegada dos novatos. Até se mostrarem à altura dos veteranos, eles eram discriminados. Um problema que começou a surgir intensamente dentro da companhia foi a falta de oficiais. Com a quantidade de baixas crescendo com o desenrolar das operações na Holanda, o nível de rigidez, a disciplina e o tempo de permanência dentro do campo de treinamento diminuiu consideravelmente. Somado a isso, o tempo em que ficavam nas linhas de frente começaram a perdurar por semanas e, assim, praças inexperientes passaram a ser promovidos sem a devida condição. Tal fato se agravou com o preconceito mantido pelos veteranos em relação aos substitutos.

Os soldados começaram a presenciar constantes acidentes, devidos ao esgotamento físico e psicológico. Granadas de mão escapavam de suas mãos ao serem lançadas, armas emperravam devido à falta de limpeza e pernoites em lamaçais desconfortáveis estavam tornando-se rotina. A realidade no *front* mudou para os substitutos bem recebidos em Eindhoven.

Neste contexto conturbado ocorreu a primeira derrota da Companhia. Como Webster lembrou, Nuenen era a cidade natal de Van Gogh. Nela, a Companhia foi expulsa por forte resistência nazista, resultando em 11 feridos, 4 mortos e 1

¹⁶ Apelido dado pelos moradores da região após o início da ocupação nazista à rodovia que cortava o país até a fronteira com a Alemanha, às margens do rio Reno.

desaparecido (Sargento “Bull” Randleman). A união entre os membros da Easy mostrou-se como ponto determinante para a localização do oficial subalterno “Bull”. Alguns soldados formaram uma patrulha, após sua expulsão da cidade, para localizar o membro desaparecido. Após algumas horas de buscas, Randleman foi localizado com vida pela patrulha e retornou à linha de frente junto de seus colegas.

Neste momento de recuo, a Companhia E percebeu que ainda havia força dentro do exército alemão e notou que a guerra, assim como as baixas, não estava perto do fim. Market Garden foi uma operação de alto risco que fracassou. O plano aliado de findar a guerra até o natal de 1944 não obteve êxito. Em toda a 101ª Divisão Airborne houve 750 mortos e 2.100 feridos, mas a situação mais dramática atingiu a divisão pára-quedista britânica, totalizando a perda de quase 8.000 homens. (AMBROSE, 2006, p-161.).

Após a desastrosa operação Market Garden, a *Easy* continuou a atacar os nazistas no lado alemão do Reno, mas a falta de abastecimento agravou a situação da Companhia. Mais de 80% dos pára-quedistas britânicos (*Red Devils*) foram mortos, feridos e/ou capturados. Portanto, coube à equipe o trabalho de resgate de aproximadamente 140 homens remanescentes que aguardavam apoio do lado alemão do Reno. Às vésperas da operação, Winters foi promovido a major, tornando-se, oficialmente, comandante da Companhia E. Sua última ação ao lado dos homens com quem treinou ocorreu cinco dias antes da ação de resgate denominada operação “Pegasus”.

A última atuação de Richard Winters como tenente provou o seu valor dentro do grupo. Seis dias antes de sua promoção, Winters promoveu uma excursão para averiguar uma possível posição nazista, após o soldado Alley ter sido atingido por alemães durante uma patrulha. Neste contexto, a patrulha acabou por localizar um posto de observação alemão em uma encruzilhada. Winters programou um ataque noturno ao local, onde foi parcialmente bem sucedido. O praça Dukeman, integrante da esquadra formada por doze homens comandados por Richard, foi morto. Preferindo pernoitar no local, para que no dia seguinte tomasse as devidas providências, o líder do esquadrão, ao realizar uma breve análise, percebeu que estava fisicamente cercado. Os alemães não haviam notado tal situação, uma vez que desconheciam a composição da

força atacante. Ao amanhecer, Winters programou o ataque. Os alemães estavam estacionados atrás de um aterro, às margens de uma estrada. A *Easy* pernoitou em uma vala, ou seja, os alemães poderiam flanquear a equipe e aniquilá-los de qualquer direção. Segundo os veteranos que participaram da operação, não havia outra saída, a não ser atacar.

A esquadra avançou sob granadas de fumaça e apanhou um batalhão completo nazista em repouso. Os americanos iniciaram um intenso tiroteio e, ao perceberem a sua situação numérica, pediram reforços e apoio da artilharia. Eram duas companhias inteiras da SS (SchutzStaffel) formando um batalhão de aproximadamente trezentos homens contra uma esquadra composta por doze que, mais tarde, estariam reforçados por mais trinta homens. Ao término do tiroteio em campo aberto, a *Easy* havia dispersado um batalhão inteiro, ferindo cem soldados nazistas e matando outros cinquenta, além de inúmeros prisioneiros.

Próximo dali, o Major Holly Horton foi morto. É neste contexto que Richard Winters se torna Major Comandante do 2º Batalhão, 506º Regimento. Moose Heyliger assumiu o comando da Companhia Easy. Durante quatro meses, Winters comandou a *Easy* de maneira exemplar na linha de frente, tal como define Bill Guarnere:

“Parece que ele sempre tomava as decisões corretas. Ele era um verdadeiro soldado. Alguns oficiais... acho que... não iria com eles pra água, mas ele estava entre os melhores. Ele foi direto. Ele nunca pensou em não ser o primeiro, em mandar outra pessoa. Não sei como ele sobreviveu. Mas sobreviveu.” (Guarnere in: SPIELBERG, 2002.).

Porém, após meses em ação e duas promoções, Winters assume o comando da Companhia dentro da área estratégica. A operação “Pégasus” foi a primeira em que Richard não estava em campo, ao lado de seus companheiros de Toccoa. Sua função agora limitava-se ao comando administrativo, não de uma companhia, mas de um batalhão inteiro. Após a bem sucedida operação e com somente uma baixa, a Companhia sofreu outro grande golpe. O Tenente Moose é baleado acidentalmente por um vigia americano desatento. O comando e toda a Easy se viram diante de uma grave crise, a qual se arrastou durante todo o conflito: a falta de oficiais de comando.

2.3 Bastogne



FIGURA 3 – Bastogne – BAND OF BROTHERS. Stephen Ambrose. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.8.

10 de dezembro de 1944. A Companhia E contava somente com 65% das forças em atividade, sendo a maior parte composta por novatos. O novo comandante da *Easy*, o Tenente Norman Dike, era substituto e não possuía grande habilidade tática ou qualquer instinto de liderança. Dike adquiriu rapidamente certa fama entre os veteranos, sendo apelidado de “Norman Trincheira”¹⁷. Em meio à crise, a Companhia se manteve unida graças aos esforços constantes dos oficiais subalternos em elevar seu moral cotidianamente.

O esgotamento físico afetou a resistência desses oficiais para o combate. No final da campanha da Holanda, a *Easy* completou 70 dias na linha de frente sob miséria total. A falta de alimentação adequada, a falta de repouso e constantes baixas entre seus companheiros transformaram o cotidiano dos veteranos em uma luta

¹⁷ Referência às atitudes tomadas por Dike em momentos críticos. Segundo os veteranos, Dike se escondia em sua trincheira ao ouvir qualquer ruído suspeito ou quando seu físico estava esgotado. Em vários momentos foi apanhado de surpresa dormindo em qualquer “buraco” no chão.

permanente pela sobrevivência. Para os novatos, a guerra deixou de transmitir uma imagem heróica tão difundida entre os combatentes.

Neste contexto, Paris já havia sido libertada e a 1ª e a 6ª Divisão SS rompeu as linhas aliadas, adentrando na gélida floresta da Ardenas. Essa floresta localiza-se na fronteira entre a Bélgica e a Alemanha. Quase quatro anos atrás, os nazistas haviam irrompido as linhas aliadas da mesma forma para ocupar a Bélgica e, em seguida, marchar sobre Paris. Porém, desta vez os nazistas estavam com relativa superioridade numérica e suas forças se mostraram bem equipadas ao serem favorecidos pelo elemento surpresa. Com o ataque alemão, a 28ª e parte da 4ª Divisão de Infantaria Americana foram destruídas.

Percebe-se neste momento a inutilidade das divisões aerotransportadas para a finalidade com a qual foram criadas. Apesar de mantida a identidade elitista das mesmas, os pára-quedistas foram utilizados como tropas de infantaria regular e com funcionalidades cabíveis a qualquer tropa do exército.

Em 16 de dezembro de 1944, Adolf Hitler anunciou, oficialmente, o início da grande ofensiva na floresta das Ardenas. Com o ataque, o alto comando alemão esperou reverter a situação defensiva da Alemanha no conflito.

O inverno estava rigoroso e havia grande falta de suprimentos, tais como munição, novos armamentos, comida e roupas apropriadas para o clima. Ademais, havia considerável falta de contingente.

O comando aliado mobilizou mais de 600.000 homens para deter a grande ofensiva nazista. Entre os selecionados estava a Companhia E, enviada para Bastogne, uma cidade belga localizada a apenas alguns quilômetros de Luxemburgo. A missão designada à Easy consistia em sua infiltração na cidade, a qual todos deveriam entrincheirar-se, mesmo que com recursos limitados, e impedir o uso das rodovias que cortavam a cidade pelos blindados alemães. A cidade estava localizada em um ponto estratégico para o avanço nazista, uma vez que no local cruzavam sete rodovias que se espalhavam ao longo da fronteira belga com a Alemanha e para o interior do país.

Antes de iniciar a operação, a Companhia estacionou em um campo próximo à floresta que margeava a cidade, para se reorganizar. No local, encontrou um imenso grupo de soldados recuando da linha de frente sem qualquer condição psicológica.

Como não havia suprimentos suficientes para todos os membros, vários soldados abordaram esses indivíduos para apanhar-lhes todos os resquícios de suprimentos para si próprios. “Babe” Hefron, membro da Easy Company e sobrevivente do combate, define este momento durante uma entrevista para a produção da série cinematográfica:

“Quando chegamos lá, vimos homens sozinhos, em duplas, trios, voltando. Alguns sem arma... sem equipamento. Alguns estavam aterrorizados. Eles foram massacrados. E todos eles nos diziam: ‘Eles vão matar todo mundo. Estão passando por cima de todos’. Eles não queriam acreditar quando nos viram lá, que pretendíamos estabelecer planos de defesa e deter os alemães. Eles disseram que era impossível. Começamos a pegar as armas e munições deles. Adiante dava para ouvir os disparos do combate!” (Hefron in: SPIELBERG, 2002.).

Muitos pára-quedistas perceberam a importância daquele entrave para o grupo. A Companhia E já havia saltado em diferentes linhas de combate para romper o cerco e receber apoio terrestre. Porém, em Bastogne, a situação era diferente. Como pára-quedistas, sabiam que estariam cercados, mas o que não esperavam era vencer a batalha a partir do cerco e eles próprios romperam as linhas nazistas sem apoio externo.

Para definir tal momento, um livro de registros do 506º Regimento, o Livro Currahee, é mencionado na obra cinematográfica *Band of Brothers*:

“A *Easy Company* adentrou a floresta perto de Bastogne sem qualquer suporte de artilharia ou apoio aéreo. Havia pouca comida, munição e faltava roupa de inverno. Longe da mente a idéia de recuar. Na verdade, nem se cogita. Você cava sua trincheira com cuidado e profundidade e aguarda.” (Currahee in: SPIELBERG, 2002.).

A *Easy* chegou à linha de frente uma semana antes do natal de 1944. Muitos homens ainda iniciaram as hostilidades sem os equipamentos de combate necessários. A visão inicial do local cooperou para o abalo psicológico dos soldados. Ali, havia muitos corpos congelados entre soldados alemães e soldados americanos. Alguns indistinguíveis, outros sem ferimento aparente. O inverno rigoroso e a pesada artilharia nazista se mostraram os piores inimigos dos combatentes. Rotineiramente, a batalha do Bulge (nome dado ao combate) deixou de ser uma operação de cerco para se tornar um “perde e ganha” constante. Seguidamente, o grupo adquiriu uma nova posição nos arredores da cidade e perdia outras que havia conquistado horas atrás. Todo e qualquer movimento era suficiente para provocar um intenso bombardeio alemão. Em alguns

momentos, o simples fato de os soldados se levantarem para realizarem suas necessidades fisiológicas causava o que os homens chamavam de “inferno gelado”. O solo congelado e as constantes nevascas geraram inúmeros transtornos aos soldados que necessitavam cavar suas trincheiras ou realizar a sua higiene pessoal diária. Por tal motivo, as condições higiênico-sanitárias se mostraram fatores predominantes na motivação para o combate dos homens na linha de frente.

O 501º Regimento entrou em combate para apoiar a *Easy*. Entretanto, não possuía contingente suficiente para uma significativa atuação. Não havia posto médico, e portanto os cuidados com os feridos eram mínimos. A neblina constante no local não permitia que os aviões aliados atacassem as linhas nazistas ou enviassem apoio e suprimentos, para os pára-quedistas. Em raros momentos, aviões americanos lançavam equipamentos apoiados em pára-quedas, mas tal suporte caía em mãos alemãs, uma vez que os soldados nazistas estavam em posições e trincheiras construídas momentos antes pela Companhia E.

O comando aliado, ciente de um plano de ataque alemão, ordenou que a *Easy* preenchesse as lacunas no *front* e repelisse o ataque nazista. Assim sendo, todos deveriam se entrincheirar em solo congelado e suportar todo o ataque de artilharia. Nas vésperas do natal, todas as linhas em torno da cidade de Bastogne repeliram os maciços ataques de blindados alemães. O limite psicológico e físico das unidades já havia causado grandes baixas. Após o ataque, diversos soldados mantiveram-se petrificados em virtude de vivenciarem tantas cenas chocantes. Cabe aqui ressaltar a ausência de qualquer evidência a respeito de baixas psiquiátricas ou danos psicológicos permanentes entre os membros da Companhia E. As obras cinematográficas e literárias de *Band of Brothers* limitam o leitor a uma breve análise superficial, sem qualquer atenção ao fato. A identidade elitista transpassada pelos veteranos deixa a nítida impressão de resistência quanto a baixas tão dispersas como tais. Uma possível interpretação seria a intenção de se mostrarem atuantes em um cenário aterrorizante com participação gloriosa sob um panorama catastrófico, ou seja, sem qualquer intenção de recuar ou desistir de um combate, independente de sua natureza. Richard Winters descreve a situação dentro de seu ponto de vista:

“Eu vi a morte, eu vi os meus amigos, os meus homens, sendo mortos. E isso... não são necessários muitos dias assim para mudar você totalmente. Você não consegue, quando os seus amigos caem, cuidar deles como deveria. Principalmente se você está sendo atacado, em movimento. Eu suportei bem! Mas tive muitos problemas... mais tarde... porque aqueles acontecimentos voltavam, e você jamais esquece!” (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

Um dia depois do natal de 1944, o 3º Exército americano, liderado pelo General Patton, rompeu as linhas nazistas, permitindo a entrada de suprimentos e evacuação de feridos. A obra de Spielberg relata tal momento, do ponto de vista dos pára-quedistas da Companhia E:

“A história da Batalha do Bulge, tal qual é contada hoje, fala da chegada de Patton para resgatar os soldados da 101ª Divisão Airborne. Nenhum membro da 101 concordou que a divisão fosse resgatada!” (SPIELBERG, 2002.).

Após defender a linha em Bastogne, a *Easy* foi novamente requisitada pelo comando aliado para expulsar os alemães da floresta de Bois Jacques, arredores da cidade de Foy. Ainda no dia 2 de janeiro de 1945, após uma semana do entrave em Bastogne, a Companhia estava de volta para combater nas mesmas florestas em um eventual confronto que precedeu a invasão da cidade de Foy.

Após o rompimento do cerco, os pára-quedistas não encontraram grande resistência nas florestas, salvo pela atuação intensa da artilharia nazista. A sua permanência a espera de ordens para atacar a cidade causou diversos incidentes margeados pelo grave abalo psicológico a que estavam expostos os soldados. Um membro da equipe acabou se ferindo fatalmente por uma arma de fogo alemã que ele próprio disparou acidentalmente contra sua perna. Ainda que sob a forma de um acidente, o fato abalou gravemente os companheiros mais próximos. Os raros enfermeiros que prestavam atendimento possuíam kits limitadíssimos, portanto não houve grande esforço em tratar os feridos considerados menos graves. O espírito de união atingiu seu ápice. A produção cinematográfica reproduz uma oração feita por um enfermeiro, o praça Gene Roy, em momento de grande abalo psicológico, cujo interesse em manter o próximo mais confortável as transparecesse nitidamente:

“Senhor, não permitais que eu prefira ser consolado a consolar, ser compreendido a compreender ou ser amado a amar com todo o meu coração. Com todo o meu coração!” (Gene in: SPIELBERG, 2002.).

A ausência de uma liderança efetiva se mostrou como fator agravante na situação da Easy. O Tenente Dike era inacessível em vários momentos. Segundo os veteranos, Dike se refugiava em alguma trincheira cavada por outro soldado para dormir horas seguidas. No dia seguinte, 3 de janeiro, a Companhia retornou para sua antiga posição às margens da floresta, onde pode visualizar a cidade de Foy com grande movimentação alemã.

Winters programou junto ao Coronel Sink o ataque da cidade no mesmo dia. Dike liderou o primeiro grupo de ataque, composto por três esquadras. Inicialmente, o ataque foi repellido e muitos pára-quedistas foram feridos inutilmente, pois não havia coordenação entre os líderes. Dike se mostrou inapto e Winters rapidamente nomeou Ronald Speirs, líder de pelotão da Companhia D (Dog), como comandante da *Easy Company*. Neste ínterim, Dike foi morto por um obus alemão e Speirs reorganizou a ofensiva. Diversos veteranos enfatizaram um fato curioso ocorrido neste momento. Segundo Stephen Ambrose, Ronald Speirs queria, no meio do ataque, saber da situação da Companhia I, do outro lado da cidade. Speirs, então, correu no meio de uma fileira de tanques alemães e diversos soldados nazistas em ação, atravessou toda a cidade correndo, obteve a informação desejada e, em seguida, retornou. Nenhum alemão atirou em Speirs, inicialmente, pois não entendiam sua atitude. O ato corajoso do novo comandante da Companhia E impressionou os subordinados que aguardavam novas ordens, tal como descreve Malarkey na obra de Stephen Ambrose:

“Assim, ele simplesmente continuou correndo e atravessou as fileiras alemãs, saiu do outro lado, conversou com o comandante da Companhia I e voltou correndo. Caramba, isso foi realmente impressionante!” (Winters in: MALARKEY, 2006, p-246.).

Steven Spielberg explorou o fato de maneira abrangente em sua produção. Estava concretizada a identidade de um pequeno grupo que realizou diversas operações durante a contra-ofensiva americana, fez mais de cem prisioneiros em Foy e dois dias depois foi ordenada a tomar Noville e Rachamps, na Bélgica. Após meses na linha de frente, a Companhia é finalmente substituída. Porém, Hitler lançou um contra-ataque na Alsácia, região fronteira entre Alemanha, Suíça e França. Novamente, a Easy Company foi deslocada para assegurar a linha de frente. Ao serem enviados para

a nova frente de combate, Winters relata o momento em Bastogne: “Não sei se os sobreviventes não carregam cicatrizes escondidas. Talvez esse fator mantenha os homens da companhia tão unidos.” (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

O comandante supremo das forças aliadas, o General Eisenhower, descreve em uma transmissão de época registrada na obra cinematográfica o grau de experiência adquirida pela 101ª Divisão:

“É uma grande honra estar aqui hoje. Tomar parte nessa cerimônia única da história dos Estados Unidos. Nunca antes uma divisão inteira foi homenageada em nome do presidente por bravura em combate. Hoje marca o início de uma nova tradição no Exército Americano. Portanto, essa tradição será sempre associada ao nome da divisão Airborne 101 e de Bastogne. Boa sorte e que Deus esteja com todos vocês!” (Eisenhower in: SPIELBERG, 2002.).

Os membros da equipe chegaram à Bélgica com 145 homens, sendo 24 substitutos. Com Speirs no comando, a Easy deixou o país com 63 homens.

2.4 O ninho da águia

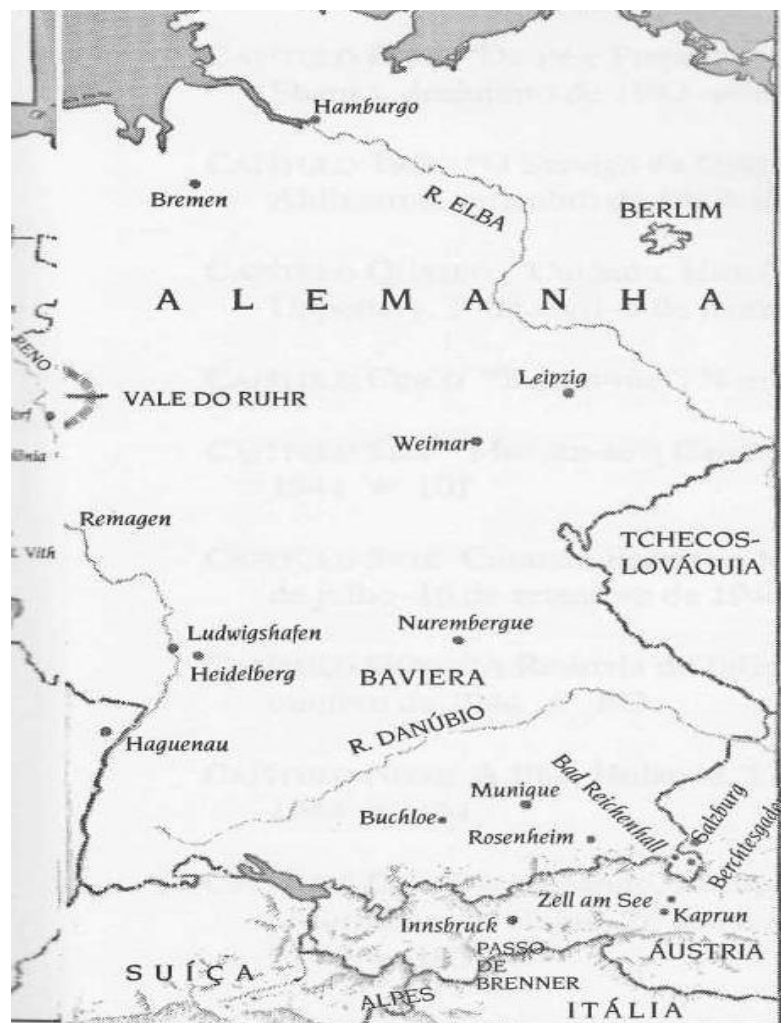


FIGURA 4 – Alemanha – BAND OF BROTHERS. Stephen Ambrose. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.8.

Na França, em fevereiro de 1945, toda a 101ª Divisão Airborne tornou-se famosa por suas atuações na Batalha do Bulge. Alguns jornais locais os chamavam de “os malvados de Bastogne” e Haguenau representou um conforto para os pára-quedistas, depois das sucessivas e traumatizantes experiências. O estado físico e o moral da tropa estavam completamente abalados, porém mantinha-se viva a sensação de alívio, por saírem vivos rapidamente daquele conflito.

Por outro lado, vários soldados adquiriram doenças respiratórias devido ao mau tempo, e a pneumonia, por exemplo, tornou-se comum entre as fileiras de combate. Além disso, os acidentes continuaram presentes, gerando constantes preocupações entre os homens. O auge de tal preocupação ocorreu quando o praça Bill Kiehn, da equipe original de Toccoa, morreu atingido por um tiro de artilharia atrás das linhas

aliadas, carregando um saco de batatas. Diante deste cenário, todo o grupo sentia uma constante pressão para manter-se vivo nesta etapa final.

Acostumados a sobreviverem diariamente em trincheiras, os pára-quedistas sentiram o relativo conforto proposto pelas cidades alemãs. Tal consideração mostrou-se mais forte do que nos últimos quatro países visitados pela Easy (Inglaterra, França, Holanda e Bélgica). Todavia, o fato não foi explorado explicitamente pela produção cinematográfica, mesmo os veteranos declarando sua simpatia pela Alemanha na obra de Ambrose e no documentário acoplado à mesma. Alguns relatos mostram a afetividade recíproca entre a população alemã e os soldados estadunidenses, causando, entretanto, espanto aos americanos em virtude da receptividade às divisões americanas por parte dos alemães. Contudo, foram lançadas ao “esquecimento” as razões pelas quais os próprios americanos estavam em guerra e os sentimentos como vingança ou ódio não foram abordados pelas obras de maneira assídua. Mesmo porque, tais fatos não são percebidos com clareza dentro das próprias memórias dos combatentes.

Não havia tempo de assimilação para os veteranos às novas experiências vivenciadas. Os alemães ainda resistiam e, somada às novas experiências, a carência de oficiais dentro da Companhia E não havia sido solucionada. Por tal motivo, os superiores relutavam em reenviá-la à linha de frente. Porém, no mesmo dia em que Bill foi atingido, a *Easy* foi designada para realizar uma operação noturna com o objetivo de capturar de prisioneiros. O QG do regimento necessitava de informações a respeito das ações alemãs do outro lado de um rio em Haguenau. Os alemães estavam estacionados ali e a divisão americana “segurou” o combate. O ataque ficou planejado para a uma hora da madrugada do dia 10 de fevereiro. Nesta operação, quinze homens atravessaram o rio em quatro barcos de borracha, envolvidos pelo tenso silêncio que englobava a ação.

Após cruzarem as linhas inimigas, os pára-quedistas atacaram, em silêncio, uma posição de comunicação nazista e capturaram três soldados alemães. Um destes homens estava seriamente ferido, assim como um membro da *Easy* que fora atingido acidentalmente por sua própria granada durante o ataque. O praça Eugene Jackson morreu horas depois, já sob o abrigo americano, por um erro próprio. Dois alemães foram interrogados, porém sem maiores informações. O terceiro soldado nazista foi

abandonado às margens do rio devido ao alto grau de ferimentos, o que dificultou seu embarque nos botes. Este, por sua vez, morreria horas depois de agonizantes gritos, após o praça Webster e Roy Cobb, veteranos de Toccoa, lançarem diversas granadas para o lado alemão do rio com o objetivo de matar aquele soldado. Eugene tinha vinte anos no momento em que foi morto e tinha se alistado com dezesseis anos, mentindo sobre sua idade ao se tornar voluntário. (AMBROSE, 2006, p. 273.).

Após o insucesso da primeira ação, o QG aliado exigiu uma nova operação com o mesmo objetivo, porém Richard Winters atuou de uma maneira “humana” ao receber tais ordens. Winters assinou a documentação para a nova operação, sobre a qual fez relatórios, porém não enviou seus soldados para o local, mantendo assim, a segurança de seus homens. Tal negligência nunca foi descoberta e para que não ocasionasse nenhuma suspeita, afirmou que a ação fora um completo desastre. Neste momento, a Companhia E retirou-se de Haguenau e conseqüentemente da linha de frente. A revelação desta negligência no período certamente levaria Winters para Corte Marcial, porém Ambrose e os veteranos não mencionaram qualquer fato após o ocorrido. (AMBROSE, 2006, p. 275.).

Dentro deste silêncio, o filósofo Glenn Gray relata em sua obra *The Warriors* o descumprimento de determinadas ordens, as quais são julgadas pelos soldados como inválidas ou como desperdício de valiosos instrumentos de guerra. Para ele, muitas ordens são repassadas por homens que estão em posições distantes às linhas de frente. É neste contexto que soldados utilizam da distância para desobedecer ordens ou reinterpretá-las de maneira mais conveniente, sem sofrer qualquer represália, já que não há supervisão rigorosa no *front*. (GRAY, 1959, p. 189.).

O clima permeado pelas constantes derrotas nazistas gerou uma sensação comum de alívio somada à ansiedade generalizada, para que a guerra se consumasse nas próximas semanas. Guarnere descreve tal situação: “Todos estávamos felizes vendo a guerra acabar. E os alemães não estavam numa boa situação, sabiam que era o fim. (Guarnere in: SPIELBERG, 2002.).

11 de abril de 1945. Após a retirada de Haguenau na França, a Companhia E se deslocou para o centro do conflito em Thalem, na Alemanha. Para surpresa de todos, o povo alemão causou espanto pela receptividade e pela relação próxima mantida com

os combatentes americanos. Neste ínterim surgiram situações diversificadas entre soldados americanos e a população alemã. Furtos, assassinatos, amizades e casos amorosos compuseram tal relação. O conforto oferecido por muitas cidades alemãs elevou o moral da tropa, mas, mesmo com radical mudança, cicatrizes profundas não foram removidas das mentes destes pára-quedistas. Um exemplo claro disso foi a ríspida relação seguida, muitas vezes, por agressões ou assassinatos entre americanos e alemães. “Babe” Hefron defini o momento:

“Dizíamos que alemão bom é alemão morto. Mas a gente sabia que eram só jovens. A maioria era de jovens, todos nós éramos. Eles cumpriam o dever, como eu. Muitos daqueles soldados, eu sempre pensava, poderiam ter sido bons amigos. Poderíamos ter muito em comum e sido bons amigos sob circunstâncias diferentes.” (Hefron in: SPIELBERG, 2002.).

Muitos substitutos continuavam a ingressar à Companhia. Enquanto vários ansiavam por combate, outros desejavam abandonar a linha de frente. O praça Pearcont, membro da Companhia E desde Toccoa, considerava a Alemanha como um “segundo lar”. O conforto e o momento de reflexão acerca do conflito perduraram até o lançamento de uma ofensiva por Hitler nos Alpes. A ofensiva consistia no emprego de tropas das Waffen-SS¹⁸, utilizando métodos de guerrilha contra os “invasores” aliados. Os Alpes, localizados na Bavária, eram considerados o berço do partido nazista e por tal motivo explica-se a ferocidade da defesa. Enquanto o 506º Regimento se deslocava para o combate nas montanhas, a Companhia E, a bordo de caminhões, cantarolava canções elitistas que demonstravam seu estado de espírito ao iniciar um combate de tão alto nível:

“Glória, Glória!
Que belo jeito de morrer! (x3)
Ele não vai saltar mais!

Cristo tinha uma corrente
Amarrada ao pescoço
Um capacete emoldurava
Sua cabeça cheia de caspa

¹⁸ Originados a partir da SS (Schutzstaffel), a Waffen-SS (“SS em armas”) era utilizada como tropa de elite incorporada às forças armadas (Wehrmacht) para encabeçar operações de significativa relevância, operar os interesses do partido nazista durante os combates e assegurar os guetos em diversos pontos da Europa. Tal grupo serviu para “controle” do exército regular por parte do partido.

A “calvina” virou a mortalha
Que ele jogou contra o chão
Ele não vai saltar mais!

E o ouvimos dizer
Que belo jeito de morrer!
Ele ficou lá caído
Chafurdando em seu sangue
Ele não vai saltar mais!

Glória, Glória!
Que belo jeito de morrer! (x3)”
Ele não vai saltar mais!

Tal canção demonstra um contraponto à memória de vários veteranos que cederam suas lembranças para as produções até então mencionadas. “Babe” Hefron e vários outros membros da Companhia defenderam a proximidade entre o soldado alemão e o soldado americano em outros momentos além da guerra, porém canções como esta apresentam a posição americana em tal grau, que até Cristo (Jesus ou não), é mencionado como incapaz de saltar ao lado dos pára-quedistas estadunidenses. Percebe-se, então, o psicológico destes soldados sendo moldados para combaterem em acordo e comunhão uns com os outros sem relutarem. Ao mesmo tempo em que ansiavam abandonar a guerra, mantinham-se desejosos em permanecer ao lado de seus “irmãos” em armas até o limite.

Ao entrarem na Alemanha, o comportamento da Companhia E se igualou em muitos aspectos aos de qualquer tropa de infantaria regular. Os pára-quedistas invadiram residências alemãs, expulsaram os moradores e usufruíram do seu respectivo conforto. Assim, também, eram os planos no pós-guerra da maioria dos homens. Todos baseados em algum tipo de benefício retirado do conflito. Uma cena curiosa retratada pelos pára-quedistas e explorada pela produção cinematográfica foi a rendição de mais de trezentos mil soldados nazistas já na Alemanha. Muitos soldados alemães ainda estavam armados ou, em muitos casos, em maior quantidade e mais equipados que suas tropas redentoras. Neste momento, situações problemáticas causadas pelo longo tempo em que estavam em guerra pareciam tornar-se breves. Esposas abandonaram seus maridos na guerra, familiares nos EUA faleceram e situações econômicas familiares causaram comoção e pressa entre os homens para retornarem às suas casas.

O conflito psicológico agravou-se de forma generalizada entre os pára-quedistas, quando presenciaram a execução de soldados nazistas pelos franceses ou mesmo os americanos. A imagem de que os soldados alemães eram os “bandidos” misturou-se com a imagem de que os americanos, além de supostamente libertarem uma Europa ocupada, entraram em um conflito “terceirizado” para agirem de forma não muito distante dos supostos “vilões”.

O êxtase das crises psicológicas vivenciadas após Bastogne foi o choque causado por uma patrulha da Companhia E ao estacionar em diversas vilas alemãs. Nesses locais, as Companhias E, D e F efetuaram constantes rondas para desalojarem soldados nazistas que atuavam como milícias por toda a Alemanha. Em uma dessas investidas, uma patrulha da *Easy* localizou um suposto campo de prisioneiros. Este local foi evacuado horas antes da companhia chegar e os prisioneiros que ainda estavam vivos apresentaram uma situação deplorável. O campo estava situado em um bosque, próximo a cidade de Landsberg. Richard Winters descreve o momento:

“A lembrança de homens macilentos e estupefatos, que baixavam os olhos e a cabeça quando olhávamos para eles através do alambrado, como cães que se encolhem ao serem espancados e maltratados imprimem em nós sentimentos indescritíveis, que jamais se esquecem. O choque de ver essas pessoas atrás daquela cerca me fez dizer comigo mesmo: ‘Agora sei por que estou aqui!’” (Winters in: AMBROSE, 2002, p-309.).

O campo pertencia ao complexo de Dachau, porém não era classificado como de extermínio, e sim como de trabalhos forçados. Após o achado, diversos campos semelhantes foram localizados por divisões americanas, francesas e soviéticas, incluindo o complexo de Auschwitz (Polônia), ao avançarem em direção ao interior da Alemanha. Muitos em situações piores, porém todos com indícios sabotados, ou seja, documentos queimados e provas da “solução final” destruídas.

O General Taylor declarou Lei Marcial na cidade. Ordenou que todo alemão apto, de 14 a 80 anos de idade, enterrasse os corpos dos prisioneiros do campo, grupo composto por intelectuais, políticos ou qualquer membro opositor ao regime nazista, entre judeus, comunistas ou estrangeiros.

No dia seguinte, a *Easy* retomou a marcha para o seu objetivo: Berchtesgaden, o “ninho da águia”. No mesmo dia em que foram deslocados, os soldados receberam a notícia do “suicídio” de Hitler.

Iniciava-se o mês de maio e o contexto do conflito se transformou para todos os combatentes. Hitler se “suicidou”, campos de extermínio foram descobertos e a SS continuou resistindo bravamente. A Companhia E entrou sob tal contexto na Bavária para atacar a sede do partido e a cidade dominada por altas patentes do regime nazista, tais como Goering (ministro da *Luftwaffe*), Himmler (chefe supremo da SS) e Goebbels (ministro da propaganda). A SS bloqueou rodovias e pontes, o que acirrou de fato a disputa entre os próprios aliados pelo domínio de Berchtesgaden. Os franceses e ingleses disputavam a “glória” com os americanos, porém todos cautelosos para que ninguém fosse ferido ou morto a essa altura do conflito. Como os franceses haviam entrado primeiro em Paris para sua libertação, os americanos ansiavam esta conquista para a sua glória.

Em 5 de maio, a Companhia E entrou em Berchtesgaden. Não houve confronto. As únicas baixas no local foram de dois soldados da SS, já encontrados mortos em seus uniformes negros. Não havia habitantes naquele espaço, porém o mesmo estava repleto de bandeiras e bustos de personalidades do partido. O hotel da cidade foi transformado em QG do regimento. Muitos “tesouros” do partido nazista foram saqueados pelos membros da companhia, incluindo Richard Winters. Vários objetos estavam entre os listados como roubados, entre eles a Mercedes-Benz de Adolf Hitler, bem como seu álbum de fotografia particular.¹⁹ (AMBROSE, 2006, p. 315.).

A Airborne 101 descobriu a coleção de arte pessoal de Hermann Goering oculta em uma câmara subterrânea. Nesta coleção estavam inclusas 1.200 obras, avaliadas em milhões de dólares. A intenção do alto-comando aliado era devolver aos países de origem as obras saqueadas. Tony Garcia, membro da Companhia, relata o momento:

¹⁹ Não havia fiscalização rigorosa no local, portanto muitos soldados saquearam objetos valiosíssimos além do que poderiam carregar ou mandar para os EUA. Diversos objetos foram requisitados pelo comando aliado e diversos oficiais utilizaram de sua influência para permanecer com “lembranças de guerra”.

“Descobrimos que o local estava cheio de objetos de arte. Rembrandt, essa gente toda pendurada na parede. Claro que soldados como nós não reconhecemos pinturas de tão alto valor!” (Garcia in: SPIELBERG, 2002.).

Todo o tipo de espólio procurado pelos pára-quedistas foi encontrado no local, incluindo uma adega composta por milhares de bebidas como vodcas, champanhes e gins. Segundos os pára-quedistas, não havia muito uísque, pois os alemães não apreciavam tal bebida. A adega abasteceu os homens por dias e a rígida disciplina militar foi “esquecida” por certo período. A Companhia se manteve estacionada no local por semanas. Quanto à pilhagem, Winters argumenta o fato:

“Eles estavam se divertindo, em paz com o mundo. Tinham um grande sorriso de felicidade e satisfação no rosto. Era o paraíso para um soldado. Não liguei para as pilhagens porque passei pela Alemanha e vi o Holocausto, vi o que os alemães tinham feito para os judeus e vi o que fizeram para os deslocados de guerra. O que fizeram ao ocupar a França, o que fizeram ao ocupar a Holanda, a Bélgica. Então ao tomar a casa deles por algumas noites para acomodar meus homens, se eles pegassem algumas bugigangas, eu não ligava.” (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

Em 8 de maio, a Alemanha nazista se rendeu incondicionalmente, porém, os pára-quedistas não foram dispensados. Havia a expectativa entre a Companhia de ser enviada ao *front* oriental, que ainda ardia em intensos combates. O trabalho na Europa estava apenas começando, uma vez que havia a imensa necessidade de reorganizar os países devastados pela guerra. O papel da *Easy* seria o de administrar prisioneiros de guerra (POW – *Prisoners of war*) na região de Zell am Zee, Áustria.

A Companhia, ao ser transferida em julho para a Áustria, usufruiu de um relativo conforto. Entretanto, ao chegar ao local, foi designada a realizar a rendição de vinte e cinco mil soldados nazistas. A visão dos pára-quedistas a respeito dos soldados inimigos naquele momento foi surpreendida por suas respectivas atitudes. Apesar de derrotados, os alemães desceram dos Alpes marchando disciplinadamente. Discordando dos estereótipos atuais a respeito do soldado alemão, Patrick O’Keefe descreve o mesmo:

“Pensávamos que os alemães fossem as piores pessoas desse mundo. Mas, à medida que a guerra avançava, descobríamos que não eram os alemães, eram a SS e as tropas especiais. Eram eles que matavam a própria gente. O soldado alemão comum não era assim. Um prisioneiro me deu um pequeno livro. Era um livro católico de orações para a missa. De

repente vejo que não tenho nazistas, mas católicos. E um católico bom o bastante para carregar aquilo no bolso.” (O’Keefe in: SPIELBERG, 2002.).

Erroneamente apresentado, o soldado alemão tornou-se símbolo de desumanidade dentro das obras cinematográficas ocidentais, em especial as obras hollywoodianas. Não há qualquer menção durante a série de Spielberg e Tom Hanks de tal distinção abordada pelo praça O’Keefe, com exceção do documentário acoplado à mesma. No caso da Alemanha, os veteranos relataram na obra de Ambrose, de forma abrangente, a possível desconexão entre as atrocidades cometidas pelos nazistas da população alemã como um todo.

Já com o Exército alemão rendido, Zell am Zee foi o último local que a Companhia esteve em combate, pois, após a “libertação” do país, a companhia foi dispensada. Deixemos que as fontes apresentem este último momento da *Easy Company*:

“Tenho grande respeito por eles (alemães), como soldados. Eram soldados muito bons, mas eram inimigos. Então, deveriam ser tratados como prisioneiros. Quando ocorreu a rendição de uma companhia e unidades menores recebi um major. Ele entrou e me apresentou esta pistola e ofereceu sua rendição pessoal que naturalmente aceitei, gratamente. Aquele seria o fim da guerra para os homens dele e basicamente o fim da guerra para os meus homens. O interessante é que só depois dei uma olhada cuidadosa na pistola que recebi e percebi que ela nunca havia sido disparada. Não havia sangue nela. É como todas as guerras deviam terminar. Com um acordo sem sangue. E garanto que esta pistola nunca foi disparada desde que a tenho, nem será!” (Winters in: SPIELBERG, 2002.).

Após a rendição, o oficial alemão avançou, com a permissão de Winters, em direção aos seus soldados, que estavam em forma. Richard e vários membros da Companhia acompanharam o oficial anônimo declarar aos seus homens o fim da guerra:

“Homens, foi uma guerra longa, dura. Vocês lutaram com bravura e orgulho pelo seu país. Vocês são um grupo especial que encontraram uma ligação uns nos outros que só existe em combate. Entre irmãos dividindo trincheiras, ajudaram uns aos outros na dificuldade. Nós vimos a morte e sofremos juntos. Tenho orgulho de ter servido com cada um de vocês. Vocês merecem vida longa, felicidade e paz.” (SPIELBERG, 2002.).

Com tal discurso, o oficial alemão demonstrou a ligação e a união comum a todos os soldados alemães. Ambrose descreve o mesmo fato sob o ponto de vista dos

espectadores americanos que aguardavam o oficial alemão. Não há dúvida que neste momento inexistia o interesse em lutar e causar mortes em ambos os lados.

Inexiste a possibilidade de confirmar até que ponto a memória dos veteranos são fiéis quanto ao momento aqui relatado. Maurice Halbwachs é citado no artigo Memória e Identidade Social, produzido pelo historiador memorialista Michael Pollak, que define a memória como algo social e coletivo, ou seja, “um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes”. Portanto, há um interesse em ambas as obras em explorar uma memória coletiva acerca do lado alemão do conflito de maneira tão heróica quanto a dos próprios combatentes americanos. Talvez tal coletividade de um fato tão isolado tenha a finalidade de amenizar a derrota do lado inimigo ou reafirmar a própria atuação heróica americana para o público estadunidense, não bastando tal possibilidade, é possível que a construção desta lembrança tenha sido “elaborada” no decorrer dos anos para tornar a mesma palpável e aceitável. (POLLAK, 1992, p. 2.).

Após a rendição de todo o contingente alemão e, por fim, a rendição incondicional do Japão, a Segunda Guerra Mundial terminou oficialmente. Com isso, a Companhia E, bem com 101ª Divisão Airborne, foi dispensada no Dia-D+434 (30 de novembro de 1945). Nessa mesma data, a *Easy Company* foi extinta, tendo mais de 150% de baixas entre suas fileiras no decorrer de todo o período em que esteve no conflito.

3.1 Cinema e memória

A Companhia E retornou aos EUA sem receber as emotivas homenagens representadas pelas grandes passeatas ou gloriosos desfiles. O praça “Babe” Hefron definiu o momento: “Não voltamos da guerra nos vangloriando. Não voltei como um herói. Vim para casa e fui à luta, como antes da guerra. Fomos trabalhar, cuidar da vida.” (Hefron in: SPIELBERG, 2002.).

A memória da Companhia foi até aqui reescrita sob outra perspectiva, sem grandes feitos focados pela tradicional obra cinematográfica ou o heroísmo exacerbado das obras literárias estadunidenses. A perspectiva histórica a respeito das dificuldades humanas dentro da Companhia foram apresentadas e desenvolvidas exclusivamente através das memórias dos combatentes expostas na mini-série de Steven Spielberg ou no livro de Stephen Ambrose.

Todas as obras sobre a Companhia E foram baseadas em relatos obtidos através de longas entrevistas: no decorrer das décadas de 80 e 90 para a produção da obra literária (1992), e no período entre 2000 e 2001 para a elaboração da mini-série (2001) dirigida por Tom Hanks e Steven Spielberg. Não há qualquer menção quanto ao fato das duas obras antecederem um conflito americano dentro do contexto mundial. Na época em que o livro de Ambrose foi lançado, havia um ano que os EUA estavam envolvidos direta e indiretamente na Guerra do Golfo e o mundo vivia seus primeiros anos sem a União Soviética. Da mesma forma, em 2001, quando os EUA foram atacados por terroristas da Al Qaeda e iniciaram sua “cruzada” contra o terrorismo, invadindo o Afeganistão. Coincidência ou não, as obras reafirmam o espírito americano em lutar contra o inimigo “comum” ao povo ocidental, que tem como seu modelo máximo os EUA. Portanto, já com a trajetória da Companhia dentro do contexto apresentado, faz-se necessário explorar as “entrelinhas” de ambas as produções.

Stephen Ambrose, falecido em 13 de outubro de 2002, um ano após o lançamento da mini-série *Band of Brothers*, escreveu diversos livros sobre a ação americana na Segunda Guerra Mundial, principalmente sobre o Dia-D, porém consagrou-se na historiografia militar após o lançamento da última obra a respeito da

Companhia E. Ambrose utilizou diversos documentos oficiais e cartas de ex-combatentes como fontes para sua pesquisa, porém o que marcou essa, entre outras obras, foram as entrevistas longas e repetitivas com ex-combatentes e veteranos da Companhia. Esta é, portanto, uma das características relevantes de sua obra, ou seja, a história da Companhia contada em diversos momentos por eles próprios através de relatos reproduzidos na íntegra, mesmo passível de erros devido à seletividade da memória tanto individual quanto coletiva.

Historicamente, a produção de obras e pesquisas, baseadas exclusivamente em relatos, é de certa forma perigosa e passível de uma reinterpretação inverídica da mesma. Percebe-se a relação muito próxima da trajetória nas obras descritas da Companhia dentro de um contexto apresentado pela historiografia oficial americana, o que deixa claro uma possível seleção da memória por parte dos combatentes ou dos próprios autores, estes últimos influenciados pela indústria cultural. De forma mais objetiva, a obra apresenta ricos e curiosos detalhes da vida cotidiana da Easy em um ambiente conflituoso, onde as vidas ficam próximas dos limites psicologicamente suportáveis, porém o percurso dentro da guerra é muitas vezes apresentado com certa pretensão de engrandecer o próprio grupo.

Na historiografia amplamente explorada sobre a Segunda Guerra Mundial, a produção americana passa ao leitor a sensação de que a mesma foi uma grande “cruzada” contra os regimes ditatoriais do período, sem uma apresentação mínima das pequenas e médias unidades que criaram, de fato, esta história oficial. Autores falam da pouca expansão e do pouco reconhecimento dado à historiografia militar, bem como o valor sobre tais pesquisas no âmbito histórico. Pouquíssimos autores são reconhecidos mundialmente e menor ainda é a quantidade de autores brasileiros envolvidos em desenvolver um novo olhar sobre a história militar. A guerra é mais bem vista, por exemplo, na mídia, como uma fonte de notícia infinita ou ainda lucrativa na indústria cinematográfica.

Temporalmente, algumas obras, sejam elas no âmbito literário ou cinematográfico, tomam grandes proporções na opinião pública americana, coincidindo com a situação frágil do país em relação à política externa do momento. De tal forma foi o período em que mais se tornou comum o lançamento de filmes e

séries relacionadas às grandes conquistas americanas ao longo de sua história e a reafirmação de sua posição mundial. Portanto, é visível a necessidade de consolidar o poder capitalista americano no período decorrente à Guerra Fria nos meios culturais e sociais.

O que de fato podemos perceber nestas obras é a relação da história oficial sobre a guerra e a pequena história cotidiana de um grupo de soldados desconhecidos a muitas obras a respeito das batalhas, nas quais eles próprios participaram.

Um ponto comum entre a obra e a produção cinematográfica é o próprio título: *Band of Brothers*. Marc Ferro indica em sua obra “Cinema e história” a intenção de muitos filmes, e no caso específico da mini-série, em transmitir fatores ideológicos e seletivos que acabam por construir a identidade social de determinados grupos. “Grupo de irmãos”, tradução do título das obras, indica a intenção de preservar uma possível ação heróica de uma Companhia dentro de um conflito de âmbito mundial. Percebe-se, então, a nítida pretensão em ressaltar um grupo de 200 homens, neste caso o 506º Regimento, dentro da batalha pela França, por exemplo, a qual custou aos aliados o envolvimento de nada menos de 400 mil pessoas.

Saindo brevemente da questão sobre possíveis interpretações a respeito das produções, é possível adentrar com um pouco mais de ousadia nas questões inerentes à memória. Ambas as obras, fontes para esta pesquisa, basearam-se em riquíssimas entrevistas para serem produzidas. Ao trabalhar com a memória de uma Companhia tão unida e pequena quanto a *Easy*, é possível constatar nos relatos dos veteranos um compartilhamento de lembranças em situações cotidianas no *front*, dando um sentido “inovador” a história oficial de tal conflito. Este viés permite perceber o soldado como produtor de um dia-a-dia conturbado e violento, onde sua participação se faz necessária na construção de um sucesso coletivo. Seja este sucesso a vida por mais um dia ou a vitória em mais uma batalha contra inimigos pouco comuns e que, posteriormente, são esquecidos pela história tradicional. Um exemplo nítido do lançamento de obras destinadas ao tradicional “esquecimento” da historiografia é a própria obra de Ambrose. A mesma só obteve um sensível sucesso após a produção cinematográfica e o lançamento da coleção na forma de uma mini-série, além de um documentário extra produzido exclusivamente pela memória dos combatentes. Pode-se

a título de hipótese, sugerir que a intenção desta obra, constitui em angariar e elevar o sentimento patriótico do público americano devido à sensível ferida aberta pelos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e, num duplo, gerar um lucro exorbitante a indústria cinematográfica.

Não obstante, Steven Spielberg e Tom Hanks usufruíram de aproximadamente 120 milhões de dólares para adaptar a obra homônima de Ambrose para o cinema, a qual foi considerada a mais cara da televisão mundial. Porém, Stephen Ambrose não obteve o mesmo sucesso com seu livro. Após o lançamento da mini-série em 2002, embora o livro tenha atingido uma considerável venda no mesmo período, deixou de ser editado em 2006, no Brasil e em vários países do mundo, quando teve a sua última edição publicada.

Importa aqui destacar que a metodologia utilizada para trabalhar com memórias tão sensíveis em tais obras necessitou de uma base sólida para obter um resultado concreto e coerente. Um caráter problemático no trabalho com memória é a sobreposição de memórias individuais sobre as memórias coletivas, além da conveniência de apresentar tais lembranças no momento atual, seja em uma conjuntura favorável ou desfavorável e para tanto, recorre-se as indicações de Michael Pollak que define a formação da memória a partir do âmbito individual. Para o autor:

"Não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias." (Pollak, 1989, p.4.).

Somados a esta indicação, alguns fatos devem ser ressaltados ao manusear memórias tão sensíveis às duras realidades vividas, bem como sua possível mutação no decorrer dos anos. Entretanto, se faz necessário perceber a memória menos valorizada, ou seja, a memória cotidiana não tão enfatizada pelo objetivo maior das grandes produções. É bom lembrar que esta é, por sua vez, “desprezada” pelos veteranos e pelos entrevistadores que acabam por simplesmente selecionar a lembrança mais conveniente ao ponto de vista comum, seja em público ou no seu próprio meio, para divulgar de forma mais comercial, ou mais prudente seria dizer,

romântica os seus feitos. Um exemplo claro a tal fato é a execução de soldados alemães pelos pára-quedistas americanos. Ambrose afirma somente em um momento que, após um “julgamento” entre os oficiais da Companhia, um grupo de três soldados americanos acatou ordens para executar um possível comandante alemão de trabalhos forçados. Tal execução não foi mencionada em momento algum pelas memórias dos veteranos durante a elaboração da série, apesar de ter sido explorada por Spielberg, e percebe-se o mesmo fato na obra literária com pequena ênfase. (AMBROSE, 2006, p. 325.).

Naturalmente, a seleção dessas lembranças individuais sofreu a manipulação de interesses em trazê-las à tona, lembrando que cada fato é exposto conforme um interesse e seu conseqüente benefício, no caso da Companhia E, a preservação de uma imagem elitista de alto nível.

Outro fator não menos relevante a ser considerado no trabalho com memória são as questões psicológicas. As condições físicas e conflituosas nas quais os soldados foram submetidos silenciaram, várias vezes, momentos em que eles próprios preferem não mencionar, principalmente quando direcionados a memórias de algum fato extremo, onde os próprios “atores” preferem não recordar a cena vivenciada. Daí, portanto, o principal fator para a memória seletiva. No caso do combatente, a memória traumatizante deve ser tratada com a maior delicadeza para que seu valor no campo de batalha, construído internamente ao longo de anos após a experiência, não seja menosprezado por gerações futuras. Pollak disserta a respeito de alguns conflitos acerca das memórias seletivas:

“Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem, elas também, guardar silêncio.” (Pollak, 1989, p.6.).

Porém, não há como definir se a idéia consiste em só culpar as vítimas ou se entregar e falar algo que comprometa a sua imagem. Em outros momentos, o combatente pode sentir a necessidade de repassar tal experiência como uma lição a ser seguida por alguns, e talvez em pouquíssimos aspectos, bem como abster-se a mencionar qualquer fato que vivenciou como modo de evitar julgamentos alheios ou distorções de situações que só ele entende. Aí se encaixa, portanto, a dificuldade

imposta pela seleção natural quanto à metodologia de trabalho somada à proporcional parcialidade que tais veteranos fazem de suas próprias memórias, ou seja, um conflito de memórias internas. Para melhor entendimento, Michael Pollak explana a respeito desta abstinência:

“Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranqüila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar?” (POLLAK, 1986, p.7.).

A reflexão sobre memória indica ao historiador “memorialista” uma metodologia de trabalho para interpretação da memória individual e conseqüente construção da memória coletiva. Tal metodologia discute o caráter problemático da lembrança individual e coletiva, ou melhor, compartilhada. Além disso, o autor ressalta as condições do momento para a emergência dessas memórias.

Partindo dessa colocação, podemos afirmar que a perspectiva construtivista é uma das correntes teóricas melhor aplicadas e, conseqüentemente, empenhadas em explicar como a memória humana se desenvolve e é determinada pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. Segundo o princípio *piagetiano* sobre o construtivismo, o homem em si não nasce inteligente e não está passivo à influência do meio, ou seja, o homem responde a estímulos externos, agindo sobre estes para construir seu próprio conhecimento constantemente alterado.

Segundo Michael Pollak, o alicerce da análise memorialista parte da história oral, ou seja, o instrumento para o acesso à memória individual, à confiança e à empatia com os grupos estudados para obter a memória marginalizada e, por fim, a escolha do objeto de estudo. Esta por sua vez, é absorvida pela posição assumida pelo pesquisador quando há conflitos de idéias ou de memórias.

Parte também do pesquisador a função de, ao analisar as memórias conflituosas ou as memórias marginalizadas, confrontá-las com outras fontes verificáveis para perceber qual a base coletiva para tal memória e suas delimitações, bem como sua coerência, sejam elas afetivas ou consistentes.

As configurações das memórias coletivas e individuais devem levar em consideração o material fornecido pela história, sua reinterpretação conforme seus

desejos, sua localização, o seu lugar reservado na memória e seu ponto de referência. A relação desta memória coletiva com a propaganda oficial se torna indispensável, uma vez que, ao ser lembrado, o fato pode ser desmistificado ou reafirmado pela mídia moderna, como é o caso da produção cinematográfica em relação ao livro homônimo.

As circunstâncias acabam por trazer, de forma favorável ou não, a memória marginalizada. Segundo Pollak, conforme a circunstância, ocorre a emergência de certas lembranças e conseqüentemente a ênfase é dada a um ou outro momento. As lembranças de guerra, por exemplo, deformam o passado a partir do momento em que é remetido ao presente. Assim sendo, há sempre uma interação entre a memória e a experiência adquirida, além de sua forma de transmissão.

O presente, um tempo “atemporal”, permite a identificação da resistência diante de algumas situações e a assimilação de tragédias num esforço da memória em buscar um significado para as suas experiências. O presente mostra ser um importante fator na assimilação de tragédias inesperadas para sua conseqüente influência na vida e memória social, bem como a prática de novos significados inexistentes anteriormente à vida coletiva. O soldado procura nessas novas práticas a cura e o conforto para traumas passados e a retomada de sua vida cotidiana. Pode-se então concluir, neste caso específico, que a memória é fechada ou presa ao psicológico de um determinado fato, onde os protagonistas procuravam guardá-la da forma mais agradável ou ainda da forma que não os ferisse tanto quanto o fato em si.

Se o fato é guardado de forma a confortar a memória do indivíduo ou coletivo, o pesquisador deve não só levar em conta a memória do soldado e a simbologia deste fato para tal, mas sim a referência utilizada dentro da construção da memória individual e posteriormente ao fato coletivo, bem como sua representação para a mídia construtivista e para a vida social. Enfim, o trauma ou o fato ocorrido ao ser retransmitido é utilizado como meio de repassar a superação de um problema, a glória de uma conquista ou a necessidade de lembrança de algo que não irá tornar a acontecer, ou seja, um reinício imune à dor passada. Na constituição de uma memória que possa ser compartilhada, de nada podem valer a afetividade, o conhecimento e a cultura se não houver a disponibilidade para transformá-los em saber e experiência.

Viver o saber da experiência significa aproximar-se, envolver-se, enfim, interagir com a memória, de forma a retomar para reescrever seu produto como resultado de uma lembrança individual e que permite a construção coletiva.

3.2 A produção de *Band of Brothers*

Em 1997, o filme de Steven Spielberg, “O Resgate do Soldado Ryan”, garantiu aos envolvidos diversos prêmios e o título de um dos melhores filmes de guerra da década de 90. Sua excepcional abertura confundiu-se com a fraca história seguida pelos personagens. Tom Hanks representou o drama de um Capitão que, ao assumir o “sacrifício” de resgatar o último irmão Ryan inserido no conflito, lançou mão de todo seu pelotão composto por homens experientes que sobreviveram ao Dia-D, mas que morreram para resgatar um único soldado.

Durante os trinta minutos iniciais da produção, Steven Spielberg elevou as cenas de combate a patamares nunca antes alcançados. O realismo tomou conta de toda a obra, assim como as produções posteriores que se apropriaram de algumas técnicas utilizadas por Spielberg.

Sob os horrores da guerra, Tom Hanks, antes ator, passou a produtor e diretor junto de Spielberg para produzir uma obra ainda mais abrangente e ousada: a minissérie “Band of Brothers”. Como já citado, o orçamento desta obra passou da marca dos 120 milhões de dólares e foi considerado o mais caro da televisão mundial. Antes mesmo de ser lançada pela HBO, a série havia adquirido o prêmio Globo de Ouro.

A produção levou três anos para ser concluída e foi filmada em toda sua essência em Hatfield, sul da Inglaterra. O set alugado para recriar os cinco países vivenciados pelos pára-quedistas passava dos 445 hectares e necessitou ser modificado inúmeras vezes para recriar 11 cidades européias, além dos recortes de outros locais durante os treinamentos ainda nos EUA. Como complemento, todo o arsenal bélico era composto por mais 700 armas originais da Segunda Guerra Mundial, além milhares de armamentos emborrachados para os atores coadjuvantes, que por sua vez, compunham uma equipe de 500 personagens com fala e 2 mil participantes, entre civis e militares.

Os uniformes militares e os trajes civis foram produzidos seguindo os critérios de época ou utilizados, em muitos casos, vestimentas do período.

O elenco passou por um treinamento militar de dez dias sob a supervisão do Capitão Dale Dye, consultor militar do Exército norte-americano. Dye prestou diversas consultorias para a produção de inúmeros filmes acerca da Segunda Guerra Mundial e da Guerra do Vietnã. Os atores foram instruídos a criar a essência do filme já no período de treinamento, ou seja, a união e o clima de cooperação entre soldados em uma trincheira. Os obstáculos físicos e mentais foram impostos durante este período visando à naturalidade e habilidade dos atores ao interpretarem os veteranos. A união criada durante a produção da série se mostrava-se necessária e conveniente, até mesmo entre os atores, uma vez que a dificuldade em recriar um conflito de tamanha proporção e realismo não havia sido superada.

Para o Dia-D, os produtores dispunham de somente 4 aviões originais C-47 e em condições de vôo. Os demais, cerca de 1400, deveriam ser produzidos por computação gráfica. Para a composição de batalhas semelhantes, a equipe utilizou cerca de 14.000 disparos de armas de fogo (festim) por dia em todos os instrumentos disponíveis de época, além de alguns recriados. Com todo o realismo já citado, coube aos atores recriarem os sentimentos impregnados entre os veteranos que acompanharam, juntamente com Ambrose, a produção de cada episódio da série.

O auge dos conflitos sentimentais, segundo relatos dos atores durante o *Making of* da série, ocorreu durante a recriação da Batalha do Bulge. O sentimento criado neste momento de gravação, transpassou aos telespectadores o sentimento de união e respeito entre os membros, além do preconceito para com aqueles que nunca estiveram na Bélgica. O estereótipo criado pelo público americano do soldado estadunidense foi reforçado pela produção, principalmente quando enfatizada a razão da Easy estar naquele teatro de guerra. O penúltimo episódio demonstra com tal sentimentalismo a “razão” de estarem em combate. O momento em que a Companhia encontra o campo de trabalhos forçados já enfatizado de tal forma que o público ocidental pode sentir ou absorver tal momento como uma realidade única, mesmo levando-se em conta o altíssimo romantismo dado ao momento. Não existe a intenção em desmerecer o ocorrido e todas as pessoas que sofreram em tais lugares, porém a “causa” ou o motivo

da Easy estar lutando num país contra um povo não muito diferente dos próprios, não foi exclusivamente para libertar o povo cativo, e sim movimentar um interesse de um país em plena ascensão.

Em entrevista à revista *Veja*, em 27 de março de 2002, Stephen Ambrose relatou o objetivo da produção e qual a diferença das demais obras do gênero: “O programa mostra bem o doloroso processo psicológico por que passaram os combatentes da II Guerra, do momento em que chegaram ao front até se tornarem veteranos.” (Ambrose in: *VEJA*, 2002, p.128.). Segundo a revista, o título de ambas as obras, *Band of Brothers*, originou-se de uma expressão extraída da peça *Henrique V* de William Shakespeare. Tal peça encarregava-se de mencionar a bravura combatida aos combatentes ali presentes. Coube utilizar a expressão às missões vivenciadas pela Companhia. Esteticamente, a produção procura assemelhar-se à realidade experimentada pelos veteranos, explicando, portanto, o tom acinzentado da série. Além da fotografia de qualidade intencional, não há na grade de atores da série grandes astros para que não se voltasse o foco para um ou outro personagem, e sim para o corpo da Companhia que atuou e sofreu em singularidade perante todos os momentos do conflito.

Foi neste contexto que Spielberg e Tom Hanks expuseram a Companhia E não focando, assim, a totalidade histórica da equipe. Portanto, não existe o tradicional “mocinho hollywoodiano” e sim uma Companhia de “heróis”. Nesta obra é possível realizar uma análise geral da equipe, refletindo sob o viés comum a todos os personagens, ou seja, os pequenos “atores”, fornecendo consistência singular ao grande evento, nos quais eles próprios eram protagonistas. Outra característica que diferencia esta produção das diversas obras “pecaminosas” acerca da guerra foi a atitude dos diretores em trabalhar o psicológico do soldado acerca das situações mais corriqueiras em diversos graus por qualquer membro da equipe, independente da sua posição militar. Um exemplo disso está no choque causado pela notícia de uma baixa entre os soldados. Mesmo sem existir um relacionamento íntimo entre os envolvidos, todos estavam ligados diretamente quanto à situação e conseqüentemente suas respectivas atuações e desempenhos são afetados intimamente. Porém, não é

perceptível este mesmo sentimento enquanto ocorrem baixas ou derrotas em outras áreas do front.

Além do conflito psicológico exacerbado, é perceptível dentro da série a retidão existente dentro do contexto quanto à memória dos veteranos. A idéia da representação biográfica de “pequenos” personagens direcionou todo o roteiro, bem como o objetivo da obra em toda sua essência. Não há o menosprezo a um ou outro personagem, mas existe a intenção única em dimensionar e fatiar a história da Companhia, limitando-se aos verdadeiros participantes.

Marc Ferro explana considerações válidas acerca da utilização de obras cinematográficas como fonte e expõe o filme histórico a partir de uma exclusão por parte do historiador, em especial tratando-se de uma obra comercial como *Band of Brothers*. O filme ou o cinema é uma fonte historiográfica partindo do conceito interpretativo dos autores ou produtores.

Band of Brothers não pode ser considerado como filme e/ou série memória dentro do conceito já apresentado de superprodução hollywoodiana, mas as evocações individuais permitem que cada telespectador crie sua própria conclusão a partir da memória dos combatentes e o modo em que foram expostas. Ferro explicita sua caracterização acerca do fato:

“O cinema não tinha nascido quando a história adquiriu seus hábitos, aperfeiçoou seu método, cessou de narrar para explicar. A “linguagem” do cinema verifica-se inteligível, de interpretação incerta. Porém essa explicação não poderia satisfazer os que conhecem o infatigável ardor dos historiadores, instados a descobrir novos domínios, a considerar como essencial o que julgavam até esse momento desinteressante. Não existe no caso nem incapacidade em atraso, porém uma recusa inconsciente que procede de causas complexas. Examinar quais “monumentos do passado” o historiador transformou em documentos, e depois, em nossos dias, “quais documentos a história transforma em monumentos”, seria uma primeira maneira de compreender e de ver por que o filme não figura entre elas.” (FERRO, 1976, p.199.).

Com relação ao trabalho comercial, não existe possibilidade de definir o momento como total veracidade, uma vez que há intenções entre ambas as partes, seja o entrevistado ou reprodutor daquela lembrança, em expor o fato do modo que melhor lhe convém. Nesse sentido, as considerações de Walter Benjamin são relevantes, pois indicam que:

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de perigo. [...]O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 1994, p.224.).

A partir deste viés, Benjamin ainda suscita a possibilidade, interpretando-o a partir do ponto de vista proposto, de que qualquer fato a ser contado ou narrado necessita de um espectador ou alguém que adquira tal produto:

“Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem lê a partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura.” (BENJAMIN, 1994, p.213.).

Apesar da grande audiência promovida por filmes assinados por Spielberg, historicamente há uma constante desarticulação entre suas “obras históricas” e a historiografia propriamente dita. Técnica e cinematograficamente, Spielberg utiliza de meios mais avançados para produzir a série direcionando cada capítulo, ou episódio, da série a um respectivo diretor. É possível visualizar a intenção do autor em manter-se neutro perante a história descrita pelas sensíveis memórias. Portanto, é possível afirmar de um ponto de vista histórico e crítico que a obra cinematográfica em questão serve de alavanca para explorar questões com maior complexidade acerca do momento histórico vivido, embora não viabiliza utilizar-se unicamente como fonte, e sim como meio de acesso a tais fontes, neste caso as memórias dos veteranos da Companhia E.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



FIGURA 5 – DIETZ, JIM. *Silenciando as armas*. 2007. 1 pintura colorida, 22.5” x 32”.

Em 1985, o professor e cineasta Eduardo Geada, em sua introdução sobre a obra que organizou intitulada "Estéticas do Cinema", comenta que "a história é um amontoado de sofrimentos e de ruínas, cujo imaginário o cinema revestiu de curiosidade, de magia e de operacionalidade cirúrgica, a fim de penetrar no coração do real." (GEADA, 1985, p.10.).

Este discurso permeou as análises desta pesquisa, pois a "paixão real" sempre permaneceu excluída da produção de reflexões sobre o cinema, no que concebe ao desejo de chegar o mais próximo possível do real, tanto da sua estrutura, quanto da sua essência, por intermédio do recurso da representação.

Nesse sentido, a mini-série *Band of Brothers*, de Steven Spielberg e Tom Hanks, e a obra literária homônima, de Stephen Ambrose, apresentam-se como focos

principais para a “reconstrução” histórica acerca da Easy Company e sua representação do real através do cinema. Os relatos contidos nas obras, bem como no documentário acoplado à mini-série, serviram de fontes para a reflexão acerca da trajetória da Companhia E, ciente que tais fontes se mostraram convenientes ao período em que foram produzidas as obras utilizadas como também dos riscos metodológicos enfrentados pelo historiador ao utilizar fontes tão flexíveis produzidas pela memória.

Ambas as produções, em especial a mini-série, limitaram-se ao “caminho” de chegar a tais relatos, uma vez que as condições físicas não permitiram uma entrevista exclusiva para essa produção textual. Dessa forma, como segurança metodológica, foram utilizados referenciais teóricos apropriados para tornar coerentes e sustentáveis os argumentos aqui apresentados. Michael Pollak, bem como Maurice Halbwachs, foram tomados como alicerce seguro, quanto ao manuseio da memória dos entrevistados, para garantir uma interpretação menos contraditória e passível de influências comerciais. Já através de Marc Ferro, foi possível criar uma nuvem interpretativa acerca da intenção e da motivação para as produções cinematográficas, bem como sua utilização como fonte de pesquisa histórica. Portanto, coincidência ou não, a necessidade de reafirmar uma identidade e uma noção de unidade mostrou-se pertinente aos anos em que as obras homônimas de *Band of Brothers* foram lançadas. O patriotismo estadunidense exacerbado necessitou ser confirmado logo após o envolvimento político em conflitos no Oriente Médio e suas ramificações. Contudo, percebeu-se que não existe uma produção, comercial ou não, sem que haja uma conseqüente manifestação de interesses.

A inédita atuação da Companhia E, assim como o restante da 101ª e 82ª Divisões Aerotransportadas, representou um significativo avanço dentro de toda campanha ocidental americana durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente por sua inovadora utilidade. O objetivo de tal explanação foi descrever todo um contexto histórico a partir de inúmeros relatos de ex-combatentes reproduzidos através de obras, como as utilizadas neste trabalho. Cabe aqui salientar a partícula histórica representada neste momento pela Easy Company, mas que diferencia das demais unidades através

da íntima ligação e interação apresentada pelos membros da equipe no período após ao conflito.

A relevância de apresentar pequenos personagens históricos dentro de um amplo contexto exaustivamente explorado, tal como foi a representação dos pára-quedistas da Companhia E pelo cinema, lança uma reafirmação metodológica de “micro-história” abandonando a globalidade do fato sob vertentes político-econômicas. Obras em que líderes estadistas e grandes comandantes relatam “suas façanhas” durante as campanhas militares, sobretudo dentro da Segunda Grande Guerra, vêm de encontro com as reconstruções históricas partindo dos pilares mais baixos, ou seja, dos militares de baixas e médias patentes (praças voluntários, soldados, sargentos e tenentes) e dos civis que vivenciaram de fato os horrores do conflito. Nesta vertente, este trabalho buscou aproximar a guerra e toda sua magnitude sob o aspecto exclusivo de quem o vivenciou, neste caso os pára-quedistas da Companhia E, através dos relatos e entrevistas contidos nas obras, diferentemente do romantismo proposto pelo cinema e pela totalidade englobada pelas construções historiográficas tradicionais.

Para resgatar as vivências conflituosas da Easy Company, em um primeiro momento se fez necessário a contextualização geral do conflito e seu respectivo reflexo para a sua formação. E para tanto o foco de análise se concentrou na perspectiva militar do percurso, bem como no surgimento das tropas aerotransportadas do período. Cabe aqui salientar a ênfase do pioneirismo alemão dentro deste novo conceito de guerra. A breve narrativa histórica sobre as tropas pára-quedistas voltou o seu olhar para a importância da guerra estratégica tendo as forças especiais como elemento-chave para a grande elaboração dos planos de ataque. Segue, portanto, a importância da Companhia E e toda força pára-quedista estadunidense no conflito ocidental.

É importante destacar a ausência de grandes narrativas históricas com ênfase em pequenas tropas dentro da historiografia militar. Mais raras ainda são as obras que apresentam batalhas ou confrontos bélicos sob o ponto de vista “inimigo”, ou seja, do lado alemão da guerra. É neste âmbito que esta narrativa objetivou a já romantizada trajetória da Easy sob a perspectiva dos soldados que realmente participaram dos

violentos combates na Europa. Ao mesmo tempo, é possível visualizar a ausência e a negligência exposta por várias obras historiográficas, americanas ou não, acerca da participação pára-queda, onde esta é exposta como um todo, quando lembrada, sob uma imagem complementar e “menosprezada”, ou ainda, esquecida, através dos embates no conflito.

Não obstante, a reconstrução histórica da Easy Company não se limitou em narrar ou descrever o que a mini-série romantizada já afirmou e/ou complementar e analisar a produção literária já difundida por Stephen Ambrose. A narrativa aqui apresentada buscou expor uma vertente interpretativa diferenciada da “engrandecida” imagem vigente onde, para tal, houve a intenção de caracterizar um percurso desprovido do tradicional romantismo bélico e da reafirmação elitista já difundida, para racionalizar a guerra e sua humanização para os combatentes.

A necessidade social da guerra como reafirmação do poderio político e militar transmite a necessidade de cada guerra, ou país envolvido nela, possuir um herói e seu respectivo bandido. A aceitação da guerra não está ligado intrinsecamente ao ser humano e sim a sua necessidade inexplicável e expositiva de sua força, ideológica ou não. Para tal, o cientista político Roberto Numeriano define a concordância existente entre o homem e o soldado:

“O simbolismo das honrarias é sintomático. Antes que um elogio ao guerreiro, a glorificação da coragem é um elogio à guerra. Há heróis porque há guerras. (...) É natural, então, que o “sangue frio” seja, na paz e na guerra, um atributo de caráter necessário ao combatente.” (NUMERIANO, 1990, p.50.).

Portanto, não é uma “Companhia de Heróis”, tal como Ambrose definiu a Easy Company em sua obra, que define o curso de uma batalha, e sim a aceitação e o engajamento por parte de cada soldado, da Companhia ou não, a uma guerra onde o heroísmo só realmente mostra seu valor quando o “herói” inimigo perde sua força vital.

REFERÊNCIAS

AMBROSE, Stephen. *Band of Brothers, companhia de heróis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Band of Brothers. Direção de Steven Spielberg e Tom Hanks. EUA-ING., Estúdio: HBO / DreamWorks / Playtone. Produção: Steven Spielberg, Tom Hanks, Stephen E. Ambrose, Tony To. 2002. Mini-série (773 min): son., color.

BARKER, A. *Pearl Harbor, tora, tora, tora...* Rio de Janeiro: Renes, 1969.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BISHOP, Edward. *A Batalha da Inglaterra, tanto...a tão poucos*. Rio de Janeiro: Renes, 1975.

FRANKS, Norman. *A batalha da Inglaterra*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1982.

GEADA, Eduardo (Org.). *Estética do Cinema*. Lisboa: Dom Quixote, 1985.

GRAY, J. Glenn. *The Warriors: Reflections on men in Battle*. New York: Harper & Row, 1959.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

HOBSBAWM, ERIC. *A era dos extremos*. São Paulo: CIA das Letras, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francês, 1976.

FERRO, Marc. *O filme*. Rio de Janeiro: Francês, 1976.

NUMERIANO, Roberto. *O que é Guerra*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORGILL, Douglas. *Tanques 1918 – Nascem os blindados*. Rio de Janeiro: Renes, 1972.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Rio de Janeiro: S/E, 1989.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: S/E, 1992.

PRICE, Alfred. *Luftwaffe, a arma aérea alemã*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

PRICE, Alfred. *Creta*. Rio de Janeiro: Renes, 1975.

SPEIDEL, Hans. *Rommel e a Campanha da Normandia – Invasão 1944*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.

THOMPSON, Paul. *Segunda Guerra Mundial, ultra-secreto*. Rio de Janeiro: Ypiranga, 1965.

WEIGLEY, Russel. *Novas dimensões da história militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

YOUNG, Peter. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Circulo do Livro, 1980.